

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA
FERNANDA ROTBERG TOMCHINSKY

DESCRIÇÕES DE PRÁTICAS RELIGIOSAS APRESENTADAS
POR JUDEUS PERTENCENTES AO MOVIMENTO
CONSERVADOR E AS RAZÕES ATRIBUÍDAS PELOS
MESMOS PARA JUSTIFICAR TAIS PRÁTICAS

SÃO PAULO
2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA
FERNANDA ROTBERG TOMCHINSKY

DESCRIÇÕES DE PRÁTICAS RELIGIOSAS APRESENTADAS
POR JUDEUS PERTENCENTES AO MOVIMENTO
CONSERVADOR E AS RAZÕES ATRIBUÍDAS PELOS
MESMOS PARA JUSTIFICAR TAIS PRÁTICAS

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para a graduação no curso de Psicologia,
sob orientação da Profª Drª Fani Eta Korn Malerbi.

SÃO PAULO
2009

AGRADECIMENTOS

Um homem veio ao rabino de Kotzk com um problema:

“Eu medito e medito e não consigo parar de meditar”.

“E sobre o que você Medita?”, perguntou o rabino.

“Medito sobre se, de fato, existe um julgamento e um juiz”.

“E por que isto te importa?”

“Rabino, se não houver um julgamento e um juiz, qual é o significado de toda a criação?”

“E por que isto te importa?”

“Rabino, se não houver um julgamento e um juiz, qual o significado das palavras da Torá?”

“E por que isto te importa?”

“Rabino, por que me importa? O que o senhor pensa? O que mais me importaria?”

“Bem, se é tão importante para você”, disse o rabino de Kotzk, “então, você é um bom judeu. E não há nada de errado em um bom judeu meditar; nada poderá prejudicá-lo”.

Gostaria de agradecer a todos os que não só me ajudaram a realizar esse trabalho diretamente, mas aqueles que também tiveram que agüentar meus níveis altíssimos de ansiedade, irritação e estresse...

No quesito paciência, meu namorado Leandro deveria ganhar medalha de ouro, pois constantemente descontei nele toda minha ansiedade em relação à esse trabalho.

Minha família também merece um reconhecimento especial, por ter proporcionado tudo na minha vida que me permitiu chegar até aqui.

Gostaria de agradecer muito meus amigos que compartilharam comigo minha jornada e que me escutaram contar cada detalhe do que estava fazendo, mesmo quando não era a coisa mais interessante do momento e, principalmente, me escutaram reclamar de todas as dificuldades que fui tendo durante esse trabalho.

Não podia deixar de agradecer às pessoas da Comunidade Shalom, meus amigos, que efetivamente permitiram que realizasse essa pesquisa, separando um tempo de suas rotinas para responder as minhas perguntas.

À minha psicóloga, quero deixar um agradecimento diferenciado, pelas muitas horas extras na tentativa de diminuir minha ansiedade e aceleração!

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo descrever as práticas religiosas de participantes de uma comunidade judaica de São Paulo filiada ao Movimento Conservador (Massortí) e as razões atribuídas pelos mesmos para justificar tais práticas. O judaísmo é considerado mais que uma religião, um povo, que apesar de disperso pelo mundo, mantém um grau de coesão devido à sua história. Os participantes foram sete homens e sete mulheres, acima de 18 anos. Foram convidados a participar quando presentes na sinagoga dessa comunidade para o serviço religioso matinal. Foi empregado um questionário envolvendo questões a respeito de dados demográficos, história de educação religiosa na família, frequência à escola religiosa, práticas religiosas na família de origem e na família atual, possíveis mudanças no comportamento religioso ao longo da vida, identificação das circunstâncias em que isso tenha acontecido, as razões atribuídas para as possíveis mudanças e uma avaliação das práticas religiosas atuais. Os principais resultados mostraram que a identificação com a instituição religiosa e com o grupo que a frequenta, o estabelecimento de relacionamentos com pessoas que compartilham a mesma história, as crenças e/ ou práticas são relevantes para dar continuidade à história herdada de um povo coeso. Observou-se que os participantes mais velhos iniciaram mais recentemente as práticas religiosas do que nos mais novos. Outro elemento bastante presente foi o relato de sensações positivas associadas às práticas religiosas. Os dados foram discutidos a partir dos conceitos de “coping” religioso/ espiritual e de reforçamento social do grupo.

Palavras chave: Comportamento religioso; Judaísmo; Psicologia da Religião; Análise do Comportamento

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
MÉTODO	10
RESULTADOS	11
DISCUSSÃO	26
REFERÊNCIAS	30
ANEXO A: QUESTIONÁRIO	32
ANEXO B: CATEGORIAS DE ANÁLISE	35

INTRODUÇÃO

Um fenômeno humano que ocorre em todas as culturas, desde que o ser humano se organiza em sociedades é a religião (RODRIGUES e DITTRICH 2007). A religião, com um conjunto de crenças e ações compartilhadas, organiza os mitos de um determinado grupo social. Esses mitos, que remetem à história da origem do homem e do mundo, permitem que um indivíduo sintá-se identificado com um grupo além de fornecer estrutura e ordem às suas vidas (GILLMAN, 2007). A vivência religiosa diz respeito ao indivíduo como um todo e é vivida tanto na intimidade quanto compartilhada com um grupo (ÁVILA, 2007).

Muitas religiões da atualidade se organizam em instituições, baseadas em dogmas, com hierarquização de poder, entrando, muitas vezes, em conflito com a cultura moderna. Grande parte dessas instituições religiosas se vêem obrigadas a passar por transformações, uma vez que os indivíduos aceitam cada vez menos seus dogmas, hierarquizações e práticas (DULCETTI, 2007).

É a esta transformação que Berger (*apud* DULCETTI, 2007, p. 84) chama de “deseccularização”, que ocorre quando há uma mescla entre crenças antigas e novas, além de uma adaptação de práticas antigas à modernidade produzindo novas crenças e religiões. Isso permite que pessoas que se desligaram das antigas religiões possam voltar-se à algo novo (*ibid*). No processo de busca dos indivíduos para encontrar uma religião que lhes faça sentido, as religiões que se misturam, ou se acrescentam umas às outras passam a fazer parte do rol de escolhas possíveis (TOPEL, 2003).

Movimentos como esse só foram possíveis depois que a influência da Igreja Cristã diminuiu com o Renascimento no mundo ocidental. As novas idéias que surgiam com a produção intelectual acentuaram a importância da razão e das experiências. Esse crescente conhecimento trouxe outra forma de segurança para o homem no mundo, que independia das crenças religiosas tendo sido um elemento fundamental para o desenvolvimento científico atual (VAN ACKER, 1992).

A Psicologia começou a contribuir para o estudo da religião a partir da década de 1880 e até hoje existe a dificuldade em delimitar se seu objeto de estudo é o estudo do que distingue a vivência religiosa de outras vivências humanas (vivência do sagrado, das divindades etc.) ou se é a função que a religião ocupa na vida do homem (ÁVILA, 2007).

Segundo Ávila (2007), a Psicologia propôs diferentes metodologias (escalas, enquetes, métodos de observação, entre outros) para estudar o fenômeno religioso, as experiências individuais, chamadas de místicas, e as públicas e coletivas, suas

conseqüências para os sujeitos que a experienciavam, as bases biológicas para o fenômeno religioso, o que permitiu que se fizesse análises quantitativas de diferentes variáveis relacionadas tanto às crenças religiosas quanto às suas práticas.

Revisões da literatura a respeito do fenômeno religioso têm enfatizado algumas variáveis importantes tais como, gênero, classe social, tipo de sociedade onde o indivíduo vive, herança genética, bem estar, saúde e saúde mental (BEIT-HALLAHMI e ARGYLE , 2004, ÁVILA, 2007).

O estudo de revisão a respeito das variáveis que influenciam a religiosidade dos indivíduos realizado por Ávila (2007) vão ao encontro dos achados de Beit-Hallahmi e Argyle (2004). Estes últimos observaram que mulheres em geral possuem diferentes imagens de Deus, sendo na maioria imagens de um Deus amoroso, preocupado e que perdoa, ao contrário dos homens que vêem Deus como uma fonte de controle e poder (NELSEN et al. *apud* BEIT-HALLAHMI e ARGYLE, 2004, p. 140). Observaram também que o comparecimento às instituições religiosas nos EUA é maior entre as mulheres do que entre os homens.

Daly e Wilson (1983) sugerem que as diferenças encontradas entre homens e mulheres quanto à religiosidade relacionam-se com a cultura ocidental que espera que as mulheres sejam compreensivas e os homens agressivos.

Os estudos da literatura têm evidenciado uma religiosidade maior nas mulheres, principalmente as que não trabalham (LUCKMANN, 1973 *apud* ÁVILA, 2007, p. 83). Isso foi demonstrado em um estudo australiano, no qual foi descoberto que trabalhar era uma variável que alterava o comparecimento das mulheres às instituições religiosas (de VAUS e MCALLISTER, 1987). Mas, um estudo realizado nos EUA (DE VAUS *apud* BEIT-HALLAHMI e ARGYLE, 2004, p. 145) mostrou que, ao contrário das mulheres, os homens se envolvem menos em atividades promovidas por instituições religiosas quanto menos trabalham.

Num estudo comparativo entre protestantes e católicos, Northover (1974) verificou que as diferenças de classe social eram mais significativas do que a igreja à qual pertenciam para determinar o modelo de crença.

No que tange à classe social e ao tipo de sociedade em que vivem, Ávila (2007) encontrou pesquisas que evidenciam o fato de que pessoas de classe social mais baixa tendem a freqüentar movimentos religiosos pequenos e novos e indivíduos que moram em cidades pequenas (com menos de cinqüenta mil habitantes) têm maior atividade religiosa.

Beit-Hallahmi e Argyle (2004) verificaram que membros da classe média ou alta freqüentam mais os rituais religiosos e residentes de áreas rurais tendem a ser mais conservadores em suas crenças (NELSEN et al. *apud* BEIT-HALLAHMI e ARGYLE, 2004, p. 160).

Quanto ao efeito da hereditariedade, Beit-Hallahmi e Argyle (2004) citam o estudo realizado por Loehlin e Nichols (1977) com 850 pares de gêmeos de 17 anos que mostrou uma correlação baixa entre a genética e a religiosidade, a qual mostrou-se mais forte nos homens. No entanto, uma pesquisa maior feita por Truett et al. (1992), com 3810 pares de gêmeos, mostrou que cerca de 16% da variação das atitudes religiosas se deviam à hereditariedade.

Segundo Ávila (2007), os resultados a respeito das bases biológicas da religião não são conclusivos, levando esse autor a levantar a hipótese de que possivelmente haja uma influência genética, sem, porém, ter sido determinado o que realmente é herdado.

Ávila (2007) afirmou que um tema que tem interessado pesquisadores de sociologia e psicologia é a relação entre a religiosidade e qualidade de vida, bem estar, saúde e saúde mental. Inglehart (1990) num estudo realizado em 14 países europeus obteve respostas de muita satisfação com suas vidas de 85% dos participantes que freqüentavam alguma igreja pelo menos uma vez na semana.

Alguns autores revistos por Ávila (2007) sugerem que a oração pode trazer não só benefícios semelhantes aos de apoio social (POLLNER *apud* ÁVILA, 2007, p. 89), mas também provocar estados de relaxamento (MCFADDEN, LEVIN *apud* ÁVILA, 2007, p. 90). Outra hipótese para explicar essa associação, considera que a oração pode operar ativando o sistema imunológico (MCCLELLAND, KIRSHNIT *apud* ÁVILA, 2007, p. 90). Estudando adultos em New Haven (EUA), Idler (1987) constatou que os participantes que freqüentavam a igreja e/ ou oravam privadamente eram menos depressivos do que a população em geral.

O trabalho de Beit-Hallahmi e Argyle (2004) também encontrou variações da religião em função da idade na sociedade ocidental. Parece que as crianças são mais suscetíveis à religião (VERGOTE *apud* BEIT-HALLAHMI e ARGYLE, 2004, p. 147), mas ao chegar à adolescência (a partir dos 13 anos, em média), os indivíduos se distanciam da religião por passarem a questionar a fé (OZORAK, 1989). Segundo Ozorak (1989), o momento máximo para adquirir novas crenças religiosas é na idade de 14 anos, e o máximo de questionamento fica em torno dos 16 anos. Os que, após o questionamento, voltam a crer na religião, o fazem de uma maneira diferente, devido ao abandono de certos dogmas em função do interesse intelectual na religião (HOLLINGWORTH, *apud* BEIT-HALLAHMI e ARGYLE, 2004, p. 150). Beit-Hallahmi e Argyle, num trabalho anterior realizado em 1975

(*apud* BEIT-HALLAHMI e ARGYLE, 2004, p. 152) verificaram que a crença religiosa diminui até a idade de 30 anos e volta a se fortalecer depois disso. Fowler (1981) numa pesquisa realizada com 359 indivíduos observou que aproximadamente na idade dos 50 anos, assim como na adolescência, as pessoas se questionam sobre sua religiosidade, e que depois dessa fase passam a aceitar mais a religião e são mais afetadas por seus símbolos.

Além de pesquisas empíricas, muitos psicólogos teorizaram a respeito da religiosidade nos indivíduos, o que ela significa e como se desenvolve. Erikson (1976), que teorizou sobre o desenvolvimento do homem, apresenta a adolescência como o momento em que o indivíduo busca sua identidade, procurando homens e idéias em que possa ter fé, que lhe provoquem confiança. Assim como Erikson, Amatuzzi (*apud* EPELBOIM, 2006, p. 51), construiu uma teoria composta de etapas, focada, no desenvolvimento da religião, na qual descreve a fase dos jovens entre 18 e 25 anos como a marcada pelas relações de intimidade e por isso, uma maior disponibilidade para a experiência religiosa.

Segundo Epelboim (2006), a identidade religiosa é desenvolvida a partir de crenças do indivíduo em relação ao sobrenatural, ao divino, aos valores, às atitudes e aos princípios éticos e morais.

Para Skinner (1998), a religião é uma agência social que controla o comportamento dos fiéis utilizando eventos contíguos, mas não contingentes e arranja condições ambientais com o objetivo de diminuir as chances de ocorrência de comportamentos considerados pecaminosos (comportamentos egoístas – primariamente reforçados) e aumentar a probabilidade de ocorrência daqueles considerados piedosos (comportamentos que sejam vantajosos para outros). As instituições religiosas trabalham também baseadas no controle ético, tentando evitar qualquer tipo de ameaça ao bem-estar de um membro do grupo e assim, receber maior apoio do mesmo.

Os psicólogos que seguem a orientação Skinneriana preocupam-se em compreender o homem em relação ao que é chamado de Deus. Para esses estudiosos, as práticas e crenças religiosas são aprendidas durante a vida de cada indivíduo. Como em outros aspectos da vida, os indivíduos seguem modelos e, ao apresentar seus próprios comportamentos, podem ser reforçados ou punidos. Assim, aprendem o que é socialmente considerado certo e o que é considerado errado.

Rodrigues e Dittrich (2007) publicaram um diálogo fictício entre um analista do comportamento e um cristão ortodoxo no qual discutiam a origem e a manutenção da religiosidade nos indivíduos. O cristão deste diálogo defendeu que o amor a Deus é preexistente ao homem, e ao contrário do que afirmou o psicólogo, disse que “o homem

nasce religioso e pode aprender, ao longo de sua vida, a se tornar um descrente em Deus” (p. 530). O psicólogo, por outro lado, defendeu que o objetivo da Psicologia é compreender os determinantes dos comportamentos, inclusive o religioso, aprendidos tanto pelas instituições religiosas quanto pelas pessoas que rodeiam o indivíduo através das contingências de reforçamento. O psicólogo do diálogo fictício também sugere que nesse processo de aprendizagem, há importantes reforçadores sociais, além das regras apresentadas pelas instituições religiosas, sendo uma característica importante das regras e leis religiosas o reconhecimento de que elas são, “com freqüência, a codificação de certas contingências ocorridas em um tempo preexistente ao código” (RODRIGUES e DITTRICH, 2007, p. 528), ou seja, os “membros da Igreja cumprem os mandamentos divinos que outrora foram contingências para o bom convívio em coletividade e para a sobrevivência do grupo” (RODRIGUES e DITTRICH, 2007, p. 528-529) e estas regras permitem ou proíbem determinadas respostas. O diálogo apresenta poucos pontos consensuais entre o psicólogo e o religioso, como por exemplo, quando o assunto tratado são as instituições religiosas que se preocupam em se manter, o que para ambos é uma distorção do intuito original de preservar a vida.

A Psicologia tem, portanto tentado responder a questão: o que torna um sujeito religioso? O presente trabalho focará uma única religião, o judaísmo, e algumas de suas práticas e crenças.

O judaísmo é o nome dado a uma religião e a um grupo étnico. Uma das principais características da religião judaica é, segundo Gaz (2007), a crença num pacto que teria sido feito entre o povo judeu e Deus, segundo o qual Deus teria prometido para o povo judeu a terra de Canaan (local onde atualmente se encontra o Estado de Israel) e suas bênçãos, e este povo, por sua vez, teria se comprometido a andar nos caminhos ditados por Ele.

Na Torá (Pentateuco ou Antigo Testamento) - o livro mais sagrado para os judeus – estão as histórias relativas à criação do mundo e da humanidade e ao desenvolvimento do povo judeu e do pacto citado. A partir do estudo da Torá, outros textos foram escritos por indivíduos considerados “sábios”. Destes estudos advêm os 613 mandamentos que regem a vida judaica compreendendo aspectos religiosos (intrapessoais e relação homem e Deus) e sociais (interpessoais), de maneira positiva (o que se deve fazer) e negativa (o que não se deve fazer). A produção textual continua existindo, no entanto o seu papel legal só é considerado por algumas correntes do judaísmo.

Dentre as práticas judaicas, pode-se destacar uma dieta alimentar específica (cashrut ou casher) que proíbe a ingestão de carne suína ou de frutos do mar, de certos peixes, a mistura de laticínios com carnes e que prescreve um processo de cuidado e abate

do animal que servirá de alimento; rezas diárias (três vezes ao dia, bênçãos antes e depois das refeições e a prescrição de dizer 100 bênçãos ao dia); observância do dia do sábado (Shabat – que se inicia na sexta-feira à noite e termina sábado à noite de acordo com o calendário lunar) que envolve o acendimento de velas, uma interrupção nos afazeres comuns, como trabalho, transações financeiras; observância de festas (incluem jantares, acendimento de velas, serviços especiais na sinagoga e rituais específicos, além da abstenção de trabalho em muitas das festas), de ciclo de vida (nascimento, maioridade religiosa – marcada pela cerimônia de Bar/ Bat Mitzvá aos 13 anos para os meninos e 12 para as meninas – casamento, luto); imersão na mikvá (banho ritual); colocação de Talit (xale ritual que possui franjas com nós e voltas nas quatro pontas representando os 613 mandamentos) e Tefilin (filactérios – caixas de couro contendo pergaminhos com trechos da Torá que são colocados na cabeça – entre os olhos – e enrolados com tira de couro no braço); colocação de mezuzá (caixa com pedaço de pergaminho com trecho da Torá) no batente da porta; meditação e canto de melodias (nigunim); estudo dos textos tradicionais e modernas, entre outras. Além das práticas características, a ascendência familiar também é considerada para determinar se uma pessoa é judia.

Por muito tempo, os judeus seguiram as leis da Torá e as leis adicionadas pelos sábios, respeitando o pacto supostamente assumido pelos antepassados. E, para garantir o cumprimento dessas leis, foi estabelecido um mecanismo de controle e juizes (GAZ, 2007).

No entanto, deve-se ressaltar que o judaísmo nunca foi uma religião de prática uniforme. Sempre houve os que interpretassem estritamente as leis e os intérpretes menos rígidos, como afirma o Rabino Gottfried (sem ano), e a atualidade se mostra também desta maneira.

O povo judeu viveu por muitos anos na região onde hoje se encontra o Estado de Israel. Eles tinham lá, como elemento central da prática judaica, o Templo. Este foi destruído e o povo expulso dali, ocasionando a primeira diáspora, no ano de 586 A.E.C. (antes da era comum). O Templo foi reconstruído e muitos judeus voltaram a partir de 538 A.E.C.. Esse período já foi suficiente para que muitas das práticas mudassem drasticamente, uma vez que tinham que suprir a falta que o Templo, o elemento mais importante, fazia. Por já estarem adaptados onde estavam, alguns decidiram não retornar para a terra de Israel. O Templo foi destruído novamente alguns anos depois (ano 70 E.C. (era comum)), situação que se mantém até os momentos atuais, e os judeus expulsos mais uma vez.

Sem o Templo, os judeus passaram a se reunir em locais designados para a prática religiosa - as sinagogas. A partir daí, a principal ferramenta de congregação passou a ser leitura das escrituras sagradas.

Com a diáspora judaica, além da transformação da vida religiosa, o povo se espalhou pela Europa e norte da África. No entanto, as pessoas que adotavam a religião judaica raramente foram consideradas cidadãos nos lugares onde viviam. Os governantes que permitiam que o povo judeu se estabelecesse em seu território exigiam impostos, mas impediam sua participação social. Com isso, o povo judeu vivia em aldeias exclusivas.

Com o ideal de Liberdade, Igualdade e Fraternidade da Revolução Francesa, um processo chamado de emancipação dos judeus foi possível na Europa na segunda metade do século XVIII. Esse processo permitiu aos judeus a integração na sociedade como cidadãos locais e, como demonstra Scliar (1994), a participação na vida comercial e econômica.

Scliar (1994), citando Moses Mendelssohn, expoente do Iluminismo Judaico, movimento de liberação religiosa, afirma que era preciso “tirar os judeus do estreito labirinto da casuística ritual-teológica, para lançá-los nas largas avenidas da cultura humana” (p. 76).

Com muita influência deste pensamento surgiu o Movimento Reformista que permitia qualquer alteração da prática religiosa judaica para que as pessoas se sentissem satisfeitas e felizes (KUNIN, 2002), o que significava para muitos dos judeus que até então viveram excluídos, a melhor inserção possível, na sociedade européia.

Em oposição à reforma que ocorria no judaísmo, surgiu o Movimento Ortodoxo, sugerindo que nenhuma alteração fosse feita na tradição e rejeitou qualquer aproximação com as práticas culturais européias, cristalizando as práticas religiosas como estavam naquele momento.

O Movimento Conservador (ou Massortí), assim como o Ortodoxo, surgiu como uma resposta ao processo da Reforma (KUNIN, 2002). Para os fundadores do Movimento Massortí, algumas mudanças estavam indo além do que acreditavam ser possível sem prejuízo da identidade judaica. A proposta do Movimento Massortí era que os judeus mantivessem as leis e tradições ao mesmo tempo em que procuravam incluir-se na sociedade composta predominantemente de não-judeus. De acordo com esse último movimento, para entender o judaísmo é necessário analisar o desenvolvimento histórico da tradição. O idealizador do Movimento Massortí, Rabi Zacharia Frankel, mostrou que a necessidade de mudança é intrínseca ao judaísmo, e para tanto é essencial um estudo profundo das fontes da lei para verificar mudanças possíveis.

Ao comparar esses três grandes movimentos, vê-se que há muitos pontos divergentes entre eles. Assim, é importante saber sobre qual movimento se fala, antes de julgar quais práticas judaicas são consideradas “corretas” e quais não.

A tradição judaica, em seu código legal (aceito por uns e não por outros), já apresenta conseqüências claras tanto para os bons como para os maus atos. A Torá enumera punições para aquele que não “andar no caminho divino” (não seguir as leis/mandamentos) e as bênçãos destinadas aos que seguirem esse caminho. A maior parte das conseqüências são relacionadas ao cultivo da terra, como chuva nos momentos certos e abundância de colheita ou o oposto, mas aparecem também penas de morte e exclusão de indivíduos pela comunidade.

Podemos observar hoje, entre os judeus, um número cada vez maior de pessoas que não seguem os mandamentos judaicos tais como descritos na Torá e nos escritos posteriores que foram incorporados como lei. Muitos rabinos e sábios da tradição judaica afirmam que as punições previstas na Torá não se manifestam individualmente, mas mundialmente. Outros afirmam que essas bênçãos ou punições viriam no mundo vindouro, o que significa que poderiam ocorrer em dois momentos: após a morte ou na época messiânica (época da redenção da humanidade).

Para o Rabino Gillman (2007), não se poderia olhar tão mecanicamente a relação entre atitudes humanas e os desastres naturais. Na teologia judaica, Deus é totalmente livre para “escolher intervir no mundo como resposta ao ato de obediência do devoto ou escolher não fazê-lo” (p. 261). Isto significa que viver ou não de acordo com as prescrições da religião não se traduzirá automaticamente em benção ou maldição.

Com o Estado de Israel, um Estado judeu, é possível novamente que um judeu se defina em termos de cidadania. A religião passa a ser apenas mais um entre os aspectos que compõem a identidade judaica. É possível observar ou não as práticas religiosas sem perder esta identidade. Atualmente, na diáspora, as democracias do ocidente garantem os direitos dos judeus como cidadãos. Isso pode facilitar o afastamento dos judeus de suas comunidades. Segundo Scheindlin (2003), nos Estados Unidos, as sinagogas foram se esvaziando durante boa parte do século XX.

Gillman (2007) ressalta que aqueles que não foram educados em lares observantes (que obedeciam as regras e rituais judaicos), têm uma tendência a enxergar os rituais como uma coreografia tanto desconhecida quanto ameaçadora. Baseando-se nesta análise, quanto mais distante da religião um indivíduo foi educado, mais ele se distanciará com o

passar dos anos, o que faria crescer cada vez mais o número de judeus distantes das práticas religiosas.

No entanto, um fenômeno recente que se pode ver é que paralelamente a esse crescente número de pessoas que se distanciam de uma prática religiosa, há os que se aproximam dela (SCHEINDLIN, 2003). Segundo Topel (2003), da mesma forma que “a modernidade exigia dos judeus da Diáspora a integração à sociedade maior; a pós-modernidade lhes permite voltar a manifestar sua particularidade” (p.116). Um exemplo disto é o aumento de dez vezes no número de judeus ortodoxos na última década apesar de sua estrutura rígida e não pluralista (TOPEL, 2003).

Considerando que o comportamento religioso é determinado por eventos ambientais, como qualquer outro comportamento, o objetivo do presente estudo foi contribuir para descrever as práticas religiosas apresentadas por pessoas pertencentes ao Movimento Massortí e as razões atribuídas para justificar tais práticas.

MÉTODO

Participantes

Quatorze adultos de ambos os sexos, acima de 18 anos, pertencentes a uma Comunidade judaica ligada ao Movimento Massortí na cidade de São Paulo, foram convidados a participar da presente pesquisa quando presentes na sinagoga dessa comunidade para o serviço religioso matinal.

Local

O local de entrevista foi escolhido por cada participante, tendo sido realizadas 10 entrevistas na própria Comunidade judaica, três entrevistas nas residências dos participantes e uma entrevista no local de trabalho da participante

Instrumento

Foi elaborado e aplicado um questionário que envolveu questões a respeito de dados demográficos, história de educação religiosa na família, freqüência à escola religiosa, práticas religiosas na família de origem e na família atual, possíveis mudanças no comportamento religioso ao longo da vida e identificação do momento e das circunstâncias em que isso tenha acontecido, as razões atribuídas para as possíveis mudanças, a prática atual e como avaliava as práticas religiosas. (Questionário apresentado na íntegra no Anexo A).

Procedimento

Foi feito um primeiro contato com cada participante pessoalmente. Neste contato foi explicitado o teor da pesquisa e feito o convite para participar. A entrevista individual foi realizada pela pesquisadora, num espaço de tempo de pelo menos uma hora. As respostas foram registradas em uma folha de respostas.

Aspectos éticos

No encontro marcado para a realização da entrevista, foi explicado novamente sobre o que se tratava a pesquisa. Foi apresentado o Termo de Consentimento, com a explicação de que a participação seria voluntária, sendo possível a interrupção se o participante quisesse, que a participação era sigilosa e que os dados seriam utilizados somente para fins acadêmicos. Este projeto teve a aprovação do Comitê de Ética da PUC-SP com número 125/2009

RESULTADOS

O presente trabalho realizou entrevistas com 14 pessoas consideradas judias pelo Movimento Massortí cuja caracterização inicial está apresentada na Tabela 1.

Tabela 1. Caracterização dos participantes

	Sexo	Idade	Escolarização	Profissão	Estado Civil	Religião do Cônjuge	Religião dos pais
P1	Masculino	61	Superior Incompleto	Administrador	Casado	Espírita	Judaica
P2	Masculino	55	Superior pós-graduado	Dentista	Divorciado	Judaica	Judaica
P3	Masculino	91	Superior Completo	Contador	Viúvo	Judaica	Judaica
P4	Feminino	59	Superior Completo	Fonoaudióloga	Casado	Judaica	Judaica
P5	Feminino	58	Superior Completo	Fonoaudióloga e Terapeuta familiar	Divorciado	Judaica	Judaica
P6	Masculino	65	Superior pós-graduado	Engenheiro	Casado	Judaica	Judaica
P7	Masculino	24	Superior Completo	Educador	Solteiro		Judaica
P8	Feminino	59	Superior Incompleto	Empresária	Divorciado	Nenhuma	Judaica
P9	Masculino	48	Superior Completo	Arquiteto	Casado	Católica	Judaica
P10	Masculino	23	Superior Incompleto	Estudante	Solteiro		Judaica
P11	Feminino	51	Superior Completo	Arquiteto	Casado	Católica	Judaica
P12	Feminino	46	Superior Completo	Publicitária	Casado	Judaica	Espíritas
P13	Feminino	21	Superior Incompleto	Estudante	Solteiro		Judaica
P14	Feminino	34	Superior Completo	Bacharel em Direito e Rabina	Casado	Judaica	Judaica

Como se pode ver na Tabela 1, houve um equilíbrio entre os gêneros (sete homens e sete mulheres). Metade dos participantes tinha até 50 anos de idade e a outra metade acima de 51 anos. Somente um participante não tinha pais judeus.

Quanto à escolarização, a maioria (10 participantes) tinha terminado o curso superior. Todos os participantes exerciam trabalho remunerado, sendo que seis deles eram profissionais das ciências humanas (administração, educação, empresarial, publicidade, direito e liderança religiosa), cinco das ciências exatas (engenharia, arquitetura e ciências contábeis) e três da saúde (fonoaudiologia, psicologia e ortodontia).

Quanto ao estado civil, sete eram casados, três solteiros, três divorciados e apenas um participante era viúvo. Dos que estavam ou já estiveram casados, sete tinham ou tiveram cônjuges também judeus, dois cristãos, um espírita e um sem religião.

A Tabela 2 apresenta, para cada participante, informações a respeito da ocorrência de educação judaica formal ou não-formal. Como se pode ver, metade dos participantes

estudou em escola judaica. Destes, quatro cursaram por aproximadamente 10 anos, dois entre um e cinco anos e P5 cursou apenas um ano.

Quando questionados que influência as escolas judaicas haviam exercido em suas vidas, os sete participantes que cursaram escola judaica apresentaram respostas variadas como nenhuma influência (P5), estudo da religião/rezas (P7, P10, P13), confirmação da aprendizagem ocorrida em casa (P14) e formação da identidade (P2, P9).

Tabela 2. Informações a respeito da ocorrência de educação judaica formal (escola) ou não-formal (movimento juvenil) fornecidas por cada participante

	Estudou em Escola judaica?	Por quanto tempo	Qual a influência da escola?	Participou de movimento juvenil?	Com caráter religioso? Qual?
P1	Não			Não	
P2	Sim	> 10 anos	Formação da identidade	Sim	Sim. Ortodoxo
P3	Não			Não	
P4	Não			Sim	Sim. Não definido
P5	Sim	1 ano	Nenhuma influência	Sim	Não
P6	Não			Sim	Sim. Não definido
P7	Sim	5 anos	Estudo formal da religião	Sim	Não
P8	Não			Não	
P9	Sim	<10 anos	Formação da identidade	Sim	Não
P10	Sim	5 anos	Aprender as rezas	Sim	Sim. Massortí
P11	Não			Sim	Sim. Não definido
P12	Não			Sim	Não
P13	Sim	> 10 anos	Estudo formal da religião	Sim	Sim. Não definido
P14	Sim	> 10 anos	Confirmar o que aprendia em casa	Sim	Não

Quando questionados se haviam participado de movimentos juvenis judaicos (grupos de crianças e jovens que têm atividades periódicas de educação não-formal relacionadas à religião judaica), a maioria dos participantes respondeu afirmativamente. Destes, pouco menos da metade frequentou movimento juvenil com caráter religioso, sendo que a maioria não soube definir qual era a linha religiosa seguida (P2 afirmou frequentar movimento ortodoxo e P10 movimento massortí).

Quando perguntados se apresentavam, no momento em que foi realizada a pesquisa, práticas religiosas, a grande maioria dos participantes (13) afirmou positivamente. Somente uma pessoa (P8) afirmou ter deixado de apresentar as práticas ao longo de sua vida. Como pode ser visto na Tabela 3, entre os que disseram apresentar práticas religiosas, muitos referiram mais de uma. Muitos afirmaram observar o Shabat (9), festas/feriados (8), ter alimentação casher (8) e rezar (7). Poucos referiram a colocação do tefilin (1), o comparecimento à sinagoga (1), a imersão na mikvá (1), realizar estudo de textos judaicos (3) e acender velas em diversas ocasiões (3). Outros consideraram como práticas religiosas a colocação da mezuzá no batente da porta (3) e objetos de temática judaica em suas casas (3) e um afirmou que para ele a prática religiosa consistia sua maneira de ser no cotidiano.

Tabela 3. Distribuição dos participantes em função das práticas religiosas judaicas referidas por eles

	Shabat	Alimentação Casher	Rezas	Festas/feriados	Talit e Tefilin	Frequência à Sinagoga	Estudo	Velas	Mikvá	Mezuzá
P1										
P2										
P3										
P4										
P5										
P6										
P7										
P8										
P9										
P10										
P11										
P12										
P13										
P14										
Total	9	8	7	8	1	1	3	3	1	3

A Tabela 4 mostra que muitos participantes (6) identificaram que a iniciativa das práticas religiosas durante a sua infância era dos seus pais. P4 reconheceu a iniciativa como sendo dos avôs, P6 um combinado entre pais e avós e P7 afirmou que mesmo na infância, a iniciativa era conjunta entre ele e seus pais. No momento em que foi realizada a pesquisa, para a maioria (8), eram os próprios participantes que tomavam a iniciativa de realizar as práticas religiosas. P6, P7 e P9 afirmaram ter a colaboração do parceiro para realizar alguma prática religiosa e P1 relatou que a iniciativa partia dos seus filhos enquanto P13 referiu envolvimento de toda a família.

Tabela 4. Distribuição dos participantes segundo a pessoa que tomava a iniciativa das práticas religiosas em suas famílias na infância e no momento em que a pesquisa foi realizada

Pessoa que tomava a iniciativa na infância		Pessoa que tomava a iniciativa no momento em que a pesquisa foi realizada	
Pais	6	O próprio participante	8
Avós	1	Filhos	1
Pais e avós	1	Toda família	1
Pais e o próprio participante	1	O próprio participante e o/a companheiro (a)	3

A maioria dos que relataram ter alguma prática religiosa (7) afirmou haver diferenças em como elas se tornaram presentes em suas vidas (algumas práticas estavam na família desde antes de seu nascimento e outras se incorporaram ao longo de sua vida). Somente P9 afirmou ter todas as suas práticas desde sempre. Cinco participantes (P1, P2, P3, P12, P14) afirmaram que todas as práticas foram incorporadas ao longo do tempo (em três casos isso ocorreu nos últimos cinco anos).

Quando questionados a respeito da sua freqüência à comunidade religiosa judaica, todos afirmaram que no momento em que a pesquisa foi realizada freqüentavam a sinagoga, sendo que 12 compareciam mais de uma vez por semana como apresentado na Figura 1.

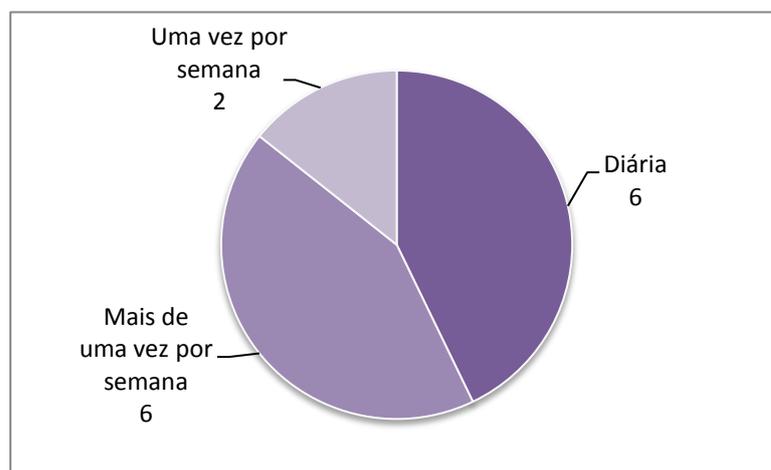


Figura 1. Frequência de participação na comunidade religiosa da qual os participantes eram membros no momento em que a pesquisa foi realizada.

Ao relatarem sua história, muitos (7) afirmaram que até o momento da entrevista havia ocorrido uma oscilação entre afastamentos e aproximações em relação à comunidade religiosa. P2 afirmou que se afastou da comunidade religiosa e posteriormente voltou a se aproximar. Seis participantes (P1, P3, P8, P11, P13, P14) relataram uma aproximação progressiva.

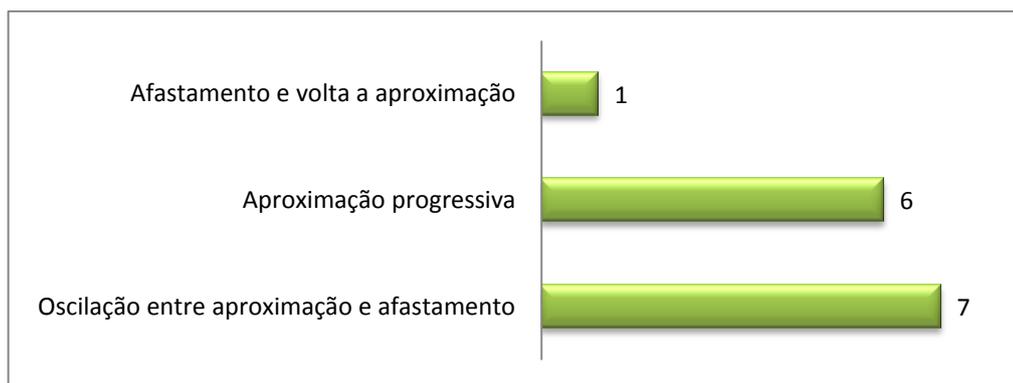


Figura 2. Distribuição dos participantes em função de suas aproximações e/ou afastamentos da comunidade religiosa que freqüentavam no momento em que a pesquisa foi realizada

Quando questionados sobre os motivos para terem se aproximado ou se afastado das comunidades religiosas, metade apresentou mais de um motivo. As diferentes disponibilidades de tempo (mais ou menos trabalho) foram fator importante mencionado para explicar essa variação para P1, P4, P6, P7, P10 e P12 (tanto para aproximação quanto para afastamento). Metade dos participantes afirmou que a aproximação aconteceu ao acompanhar diferentes parentes à sinagoga (P1, P5, P6, P7, P10, P12 e P13).

Para poucos, a aproximação à comunidade ocorreu em função de eventos da vida. O falecimento da esposa de P3 deixou-o com mais possibilidade de freqüentar a comunidade, uma vez que não precisava mais cuidar dela, que havia estado doente por muitos anos. P5 e P11 relataram que quando o pai faleceu passaram a freqüentar a comunidade religiosa, pois se sentiam reconfortadas pelas pessoas e pelos rituais de luto proposto pela religião judaica. P9 contou que, por estar longe da família, passou a freqüentar mais a sinagoga em busca de um ambiente acolhedor. Outros disseram que passaram a freqüentar mais a comunidade religiosa quando se sentiram identificadas (P2, P7, P8 e P14) com elas ou na época da cerimônia de Bar/ Bat Mitzvá na família (P7, P10, P12 e P13) (Tabela 5).

Tabela 5. Distribuição das razões apresentadas pelos participantes para justificar a aproximação ou o afastamento da comunidade religiosa

Aproximação				Oscilação (aproximação e afastamento)	
Identificação	Falecimento na família	Acompanhando parentes	Busca de acolhimento	Disponibilidade de tempo	Bar/ Bat Mitzvá na família
4	3	7	1	6	4

A grande maioria dos participantes (13) afirmou ter mudado de comunidade religiosa ao longo da vida, alegando mais de uma razão para explicar isto. Entre elas, a mudança de rabino (P4, P5, P6, P13 e P14), uma identificação maior com o novo lugar com um

sentimento de ter sido mais bem acolhido (P1, P2, P3, P4, P5, P9, P10 e P11), acompanhamento dos membros da família que mudaram de comunidade religiosa (P1 e P12), crescimento pessoal (maior conhecimento da religião, maior autoconhecimento) (P2, P4, P8 e P11), gostar mais do local novo (P1, P5 e P7), o falecimento dos pais deixando-os sem vínculos à antiga comunidade (P4, P11 e P13) e a menor distância da moradia em relação à comunidade religiosa nova (P5, P6, P9 e P11). Somente um participante (P7) afirmou ter mudado de comunidade por problemas internos ocorridos entre ele e a liderança da comunidade religiosa. (Figura 3)

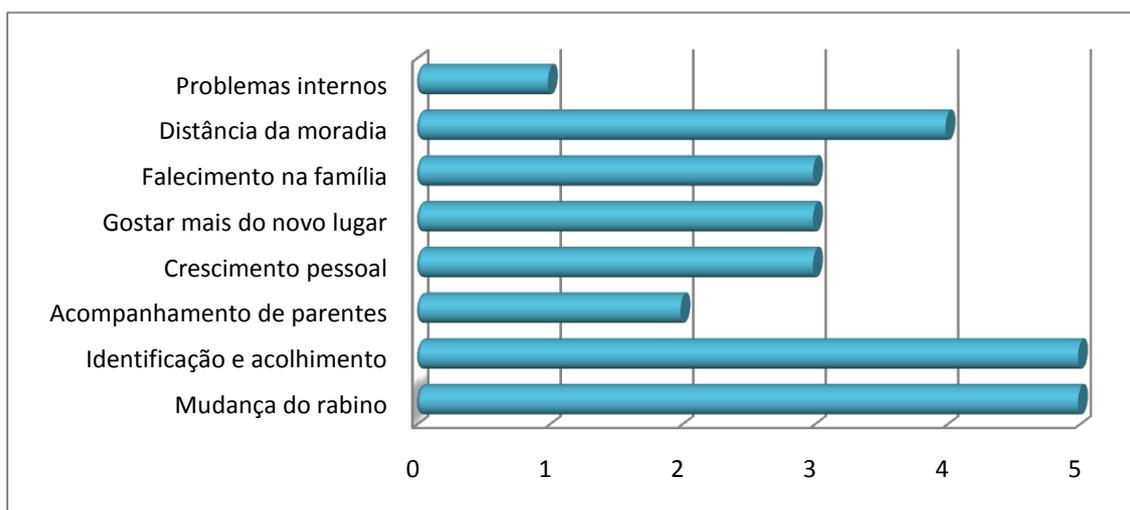


Figura 3. Razões alegadas pelos participantes por terem mudado de comunidade religiosa

Quando questionados quem eram responsáveis por iniciar as práticas religiosas que aconteciam no momento em que a pesquisa foi realizada (Tabela 4), muitos participantes (9) afirmaram que a iniciativa era deles e os demais referiram pessoas da sua família colaborando com a iniciativa do participante ou sendo elas próprias as iniciadoras.

Em relação à rede social todos afirmaram que possuíam amigos judeus, muitas vezes agrupados em diferentes conjuntos de amizade, como demonstrado na Figura 4.

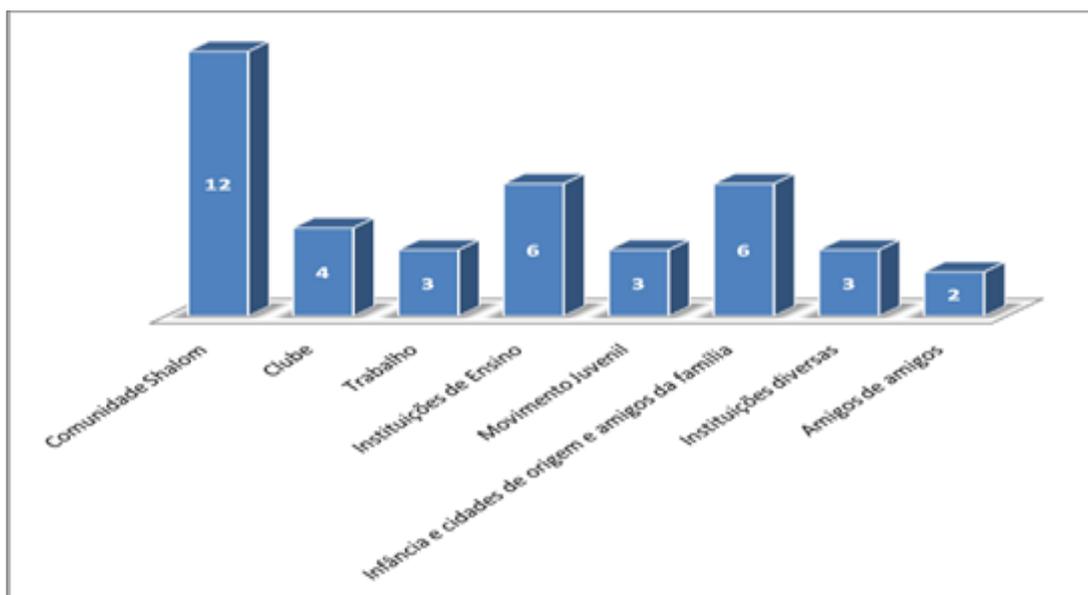


Figura 4. Distribuição os participantes pela rede social referida

Todos os participantes afirmaram que se encontravam com os membros de sua rede social pelo menos uma vez por semana.

A Tabela 6 mostra as respostas apresentadas pelos participantes a respeito das práticas religiosas das pessoas da suas redes sociais.

Tabela 6. Práticas religiosas referidas pelos participantes realizadas pelas pessoas de suas redes sociais

	Shabat	Alimentação Casher	Rezas	Festas/ Feriados	Talit e Tefilin	Frequência à Sinagoga	Estudo e Discussões	Meditação e Cantar nigunim	Mikvá	Realizar Bar/ Bat Mitzvá dos filhos
P1			■		■					
P2				■						
P3			■							
P4				■		■				
P5	■	■			■	■				
P6						■				
P7	■	■	■	■			■			
P8	■		■	■			■	■		
P9	■			■		■				
P10	■	■								
P11				■		■			■	
P12				■						■
P13						■				
P14	■			■		■				
Total	6	3	4	8	2	7	2	1	1	1

A maioria das respostas (8) referiu-se à realização das festas religiosas judaicas, seguida pela freqüência à sinagoga (7) e a observância do Shabat (6). Poucos disseram que seus amigos comiam casher (3), rezavam (4), colocavam talit e tefilin (2), engajavam-se em estudos e discussões (2), praticavam meditação e cantavam nigunim (1), freqüentavam a mikvá (1) ou realizaram o Bar/Bat Mitzvá dos filhos (1).

Quando questionados se buscavam ter amizade com outros judeus, uma minoria (4) respondeu positivamente. Porém, muitos (11) avaliaram importante ter amizades com pessoas que compartilhassem a sua religião e justificaram dizendo acreditar que amigos judeus eram mais próximos (6), acreditar ser importante para manter a própria identidade (2), considerar importante conhecer as famílias (1) e não precisar explicar a sua identidade como judeu (1).

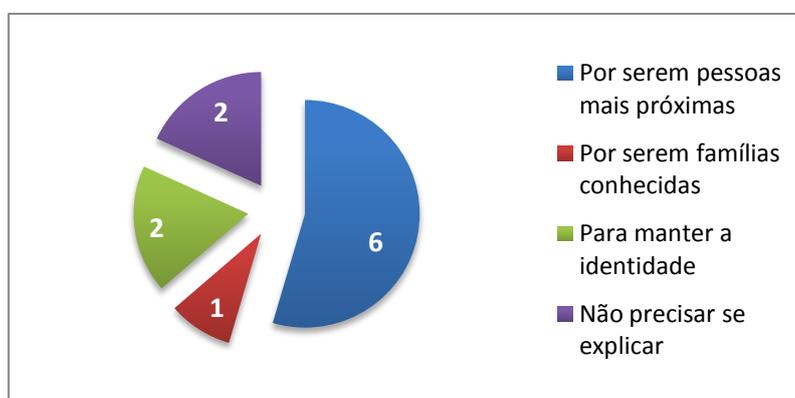


Figura 5. Motivos apresentados pelos participantes por considerar importante haver amizade com outros judeus.

Ao serem questionados se houve busca por relacionamentos afetivos com pessoas da mesma religião, nove participantes afirmaram que buscavam ou buscaram um relacionamento afetivo com uma pessoa judia. A Figura 6 apresenta os motivos citados pelos participantes para justificar esse comportamento.

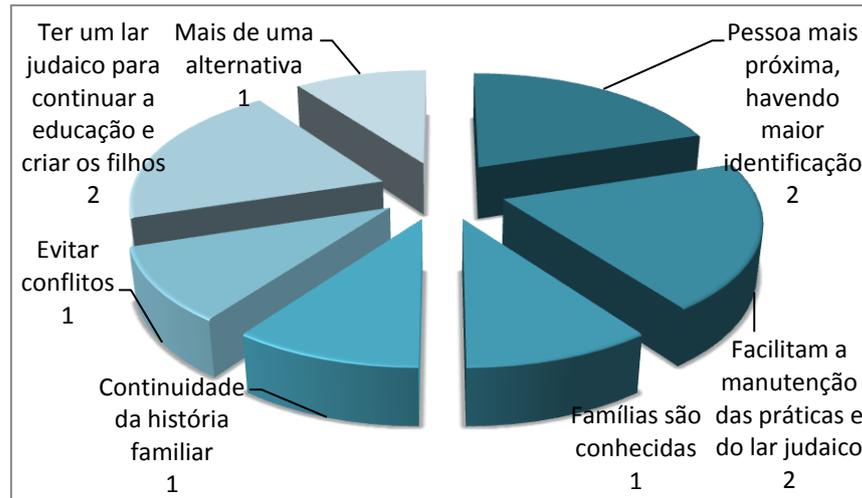


Figura 6. Distribuição dos participantes pelas razões citadas pelos participantes que buscavam ou buscaram um relacionamento afetivo com uma pessoa judia para justificar esse comportamento.

Quando perguntados se haviam recebido algum tipo de influência de outras religiões que não a judaica, seis participantes afirmaram que sim. Destes, dois tiveram influência da família que adotava a religião espírita (P3 e P12), e os outros quatro tiveram influência de instituições como a escola (P6) – islâmica e católica –, centros religiosos budistas (P11) e de messianismo japonês (P8) e grupos inter-religiosos (P7).

Ao avaliarem a influência exercida por outra religião, dois participantes (P6, P7) disseram que fortaleceu a sua identidade judaica. Para outros dois (P8, P12), contribuiu no desenvolvimento de sua espiritualidade (compreensão de seu lugar no mundo e em relação a Deus). P3 disse acreditar que o espiritismo lhe ensinou princípios éticos e morais e P11 que o budismo influenciou-o em mais de um aspecto.

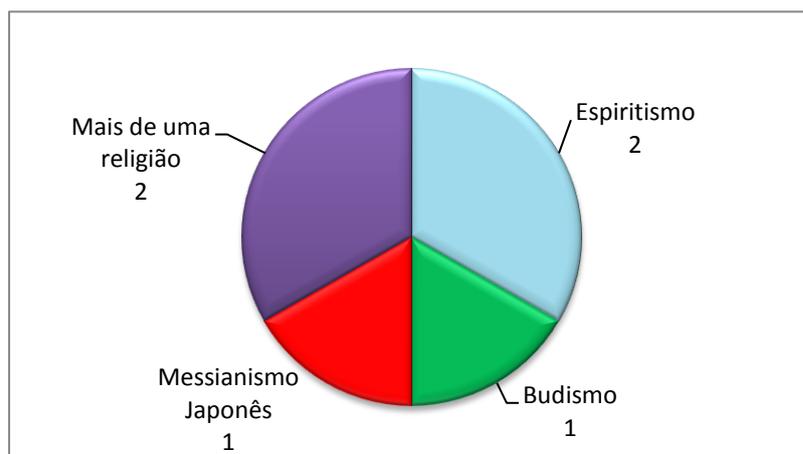


Figura 7. Religiões que tiveram influência em alguns dos participantes

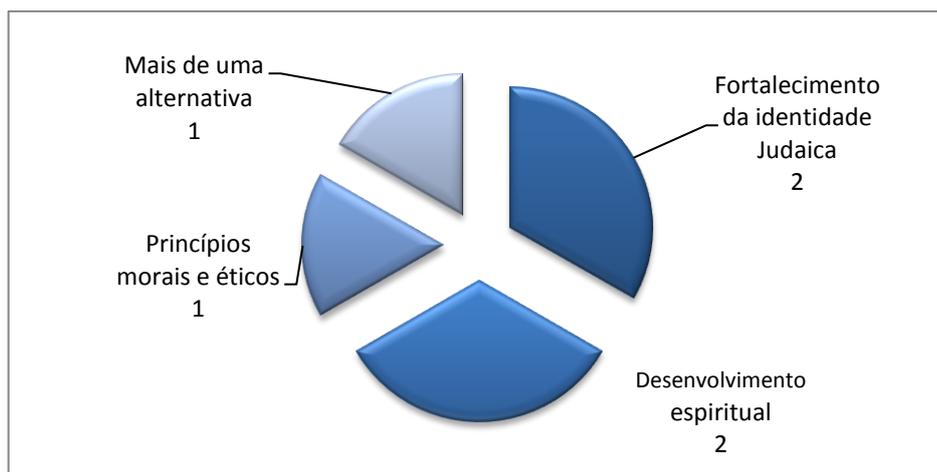


Figura 8. Como as religiões, que não a judaica, influenciaram os participantes

Os participantes que relataram mudanças de comunidade ou de práticas religiosas foram questionados se identificavam algum evento da vida que tenha ocorrido concomitantemente às mudanças. Como respostas, duas pessoas (P1, P7) afirmaram que foi um processo contínuo, não identificando nenhum evento em específico, outras identificaram mudanças em seus relacionamentos com amigos (P5, P10), propostas de outras pessoas (P8, P13), falecimento do cônjuge (P3), novo cargo na comunidade (P4), nascimento dos filhos (P9) e ter sua própria casa (P14). Houve três participantes (P6, P11, P12) que identificaram mais de um evento e P2 não conseguiu determinar nenhum evento.

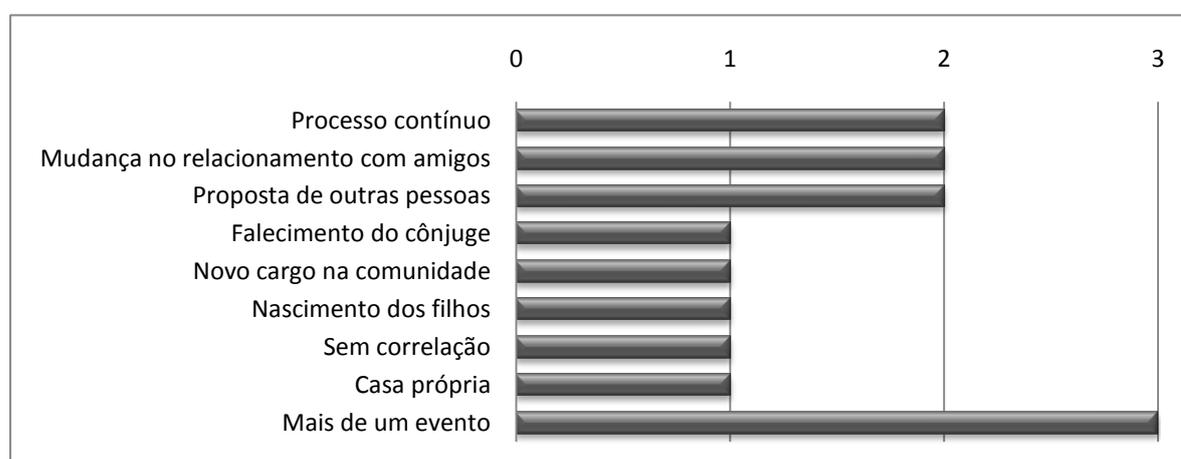


Figura 9. Eventos que ocorreram concomitantemente às mudanças nas práticas religiosas ou na frequência à comunidade religiosa identificados pelos participantes

Ao serem questionados se conseguiam identificar porque havia ocorrido a mudança, as respostas obtidas se dividiram equilibradamente entre busca de compreensão e de concretude em relação à religião (P11), aprendizado gradual sobre as práticas religiosas (P10), sensação de ter ajuda para realizar as práticas religiosas (P5), maior disponibilidade de tempo (P3), identificação com as crenças e práticas da comunidade religiosa que estavam freqüentando e busca das próprias raízes (P1), experimentação natural para

inserção no grupo num contexto profissional (P14), educação do filho na cultura judaica (P9 e P12), maior coerência (P2, P4 e P13) ou mais de uma das razões apresentadas (P6, P7 e P8).

Quando perguntados se podiam identificar mudanças na dinâmica familiar no período em que ocorreram as mudanças de comunidade e/ou de práticas religiosas, pouco mais da metade (8) afirmou não ter notado qualquer alteração, três (P5, P7, P14) relataram discussões e necessidade de negociações, duas (P10, P13) relataram uma atenção especial da família em alguns aspectos de sua vida e uma única pessoa (P1) relatou que a mudança proporcionou que o filho fizesse Bar Mitzvá.

Apenas P9 e P13 relataram que todos da família apresentavam as mesmas práticas que eles e P3 e P8 que nenhum membro da família realizava as mesmas práticas. Para os outros entrevistados, os que não compartilhavam suas práticas estão distribuídos como mostra a Figura 10. P10 mencionou seus pais, P12 seus pais e o cônjuge, P7 os pais e avós, P14 os pais e irmãos. P2 se referiu ao cônjuge, P1 ao cônjuge e filhos e P5 e P6 se referiram aos filhos. Outros parentes como irmãos, tios e primos não foram mencionados com a mesma frequência (P4 e P11).



Figura 10. Distribuição dos familiares que não compartilhavam as práticas religiosas do participante

Por outro lado, apenas quatro entrevistados relataram ter parentes que discordavam da realização das suas práticas religiosas, divididos igualmente entre o cônjuge (P12), os filhos (P5), os pais (P10) e outros parentes (P7).

Quando indagados se identificavam mudanças em relação à sua rede social no período em que relataram terem ocorrido as mudanças de comunidade ou de prática

religiosa, seis (P2, P4, P6, P8, P9 e P12) não as identificaram, quatro (P1, P3, P10 e P11) afirmaram que a rede social aumentou e se aproximou, três (P7, P13 e P14) notaram limitações e afastamento dos amigos e uma pessoa (P5) afirmou que os outros começaram a se preocupar mais com suas necessidades.

Ao serem questionados se haviam cumprido o ritual de Bar/ Bat Mitzvá, a grande maioria (12) dos participantes afirmou ter feito a cerimônia. Afirmaram que a iniciativa para celebrar esse ritual foi principalmente da família (7), própria (3) e para P2 e P14 o ritual consistiu simplesmente em uma continuação natural dos estudos religiosos. Seis deles relataram que desde então, passaram a freqüentar mais a sinagoga (P3, P7, P13) e sentiram um fortalecimento em suas identidades religiosas (P9, P10) e P6 relatou que a partir de seu Bar Mitzvá passou a usar tefilin diariamente e assumiu responsabilidades perante a comunidade religiosa.

Para os dois participantes (P4, P8) que não realizaram a cerimônia de Bar/ Bat Mitzvá as razões atribuídas foram o fato de seus pais serem ateus apesar de judeus (P8) ou falta de costume de realização da cerimônia para meninas de 12 anos (P4), uma vez que esta prática tornou-se freqüente recentemente.

Como mostra a Figura 11, quando perguntados sobre como avaliavam as práticas religiosas do judaísmo, seis participantes referiram-se ao fato de que consideravam a religião importante e lógica (P1), natural (P2), um conceito de vida (P4), evidência da conexão com o divino e com a transcendência (P5) e algo que não pode ser forçado (P6, P12). Os demais entrevistados empregaram vários desses critérios.

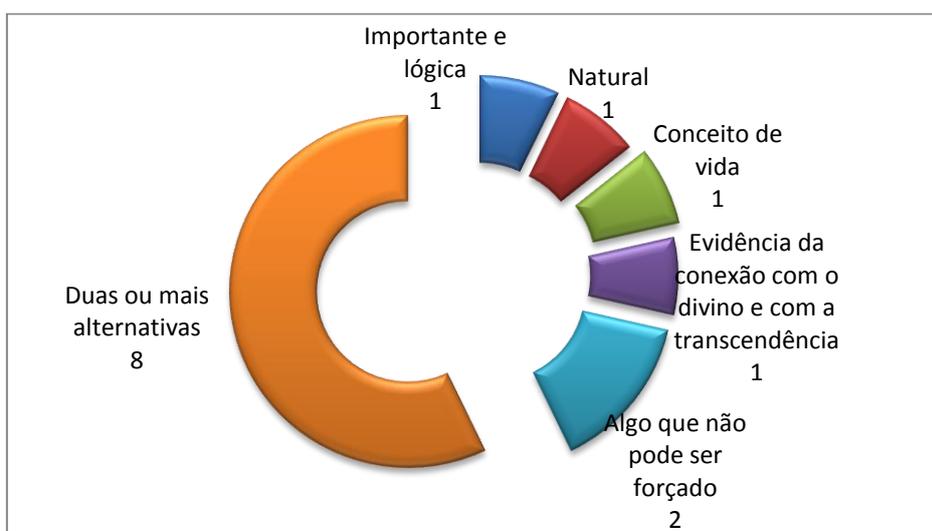


Figura 11. Distribuição dos participantes quanto às avaliações de práticas religiosas

Ao serem indagados sobre uma possível relação entre a sua vida religiosa e outros aspectos da vida, metade dos participantes (sete) não conseguiu estabelecer uma única

relação. Os outros relacionaram com saúde (P1), felicidade (P3), relações entre as pessoas (P12), bem estar e equilíbrio (P13) ou ainda com toda a vida (P6 e P7).

Quando perguntados o que sentiam ao realizarem práticas religiosas, todos os participantes relataram sensações positivas (alegria, bem estar, ligação com algo maior, com a transcendência). Todos afirmaram também, sentir satisfação com a religião, utilizando termos como satisfação pessoal (dois), plenitude (dois) ou referindo vários aspectos da vida (10).

Quando questionados sobre quais os benefícios que a religião poderia trazer, surgiram respostas como fortalecimento do grupo (P4, P9, P10, P12), crescimento espiritual/emocional (P1, P8, P13), autocontrole (P7), uma visão diferenciada de mundo (P14) ou uma combinação desses benefícios (P2, P3, P6, P11). O participante P5 não apontou nenhum tipo de benefício advindo da religião.

Numa tentativa de verificar se as práticas religiosas variavam em função da idade dos participantes, construiu-se a Figura 12. Pode-se perceber que entre os participantes com idade até 50 anos, predominaram as festas, o estudo, as velas, o tefilin, a maneira de ser e a freqüência à sinagoga. Houve um equilíbrio entre as duas faixas etárias (até 50 anos e acima de 51anos) na prática da alimentação casher. No entanto as demais práticas (mezuzá, Shabat e rezar) foram relatadas mais freqüentemente pelos mais velhos.

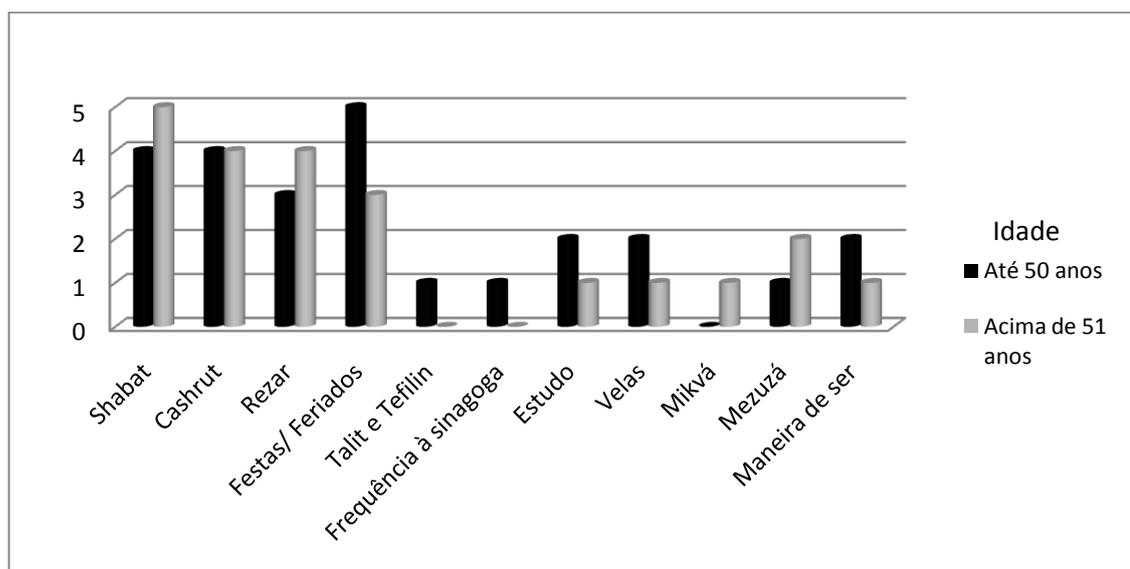


Figura 12. Distribuição das práticas religiosas de acordo com a idade dos participantes

A Figura 13 é uma tentativa de relacionar as práticas religiosas com o gênero do participante. Novamente houve um equilíbrio entre os dois gêneros na prática da alimentação casher. Também na realização de festas, não se observou diferenças entre homens e mulheres. Já a observância do Shabat e rezas foram relatadas mais

frequentemente pelos homens enquanto o estudo, o acendimento de velas e a maneira de ser, ao contrário, pelas mulheres.

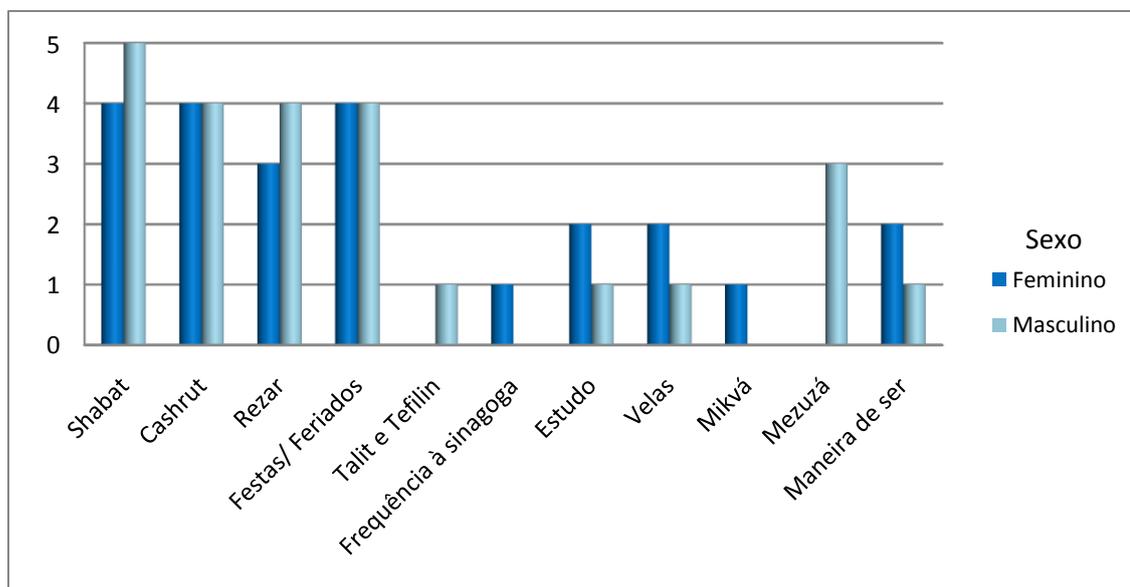


Figura 13. Distribuição das práticas religiosas de acordo com o sexo dos participantes

A Figura 14 permite ver que, em geral, os participantes mais velhos começaram a apresentar práticas religiosas mais recentemente que os mais novos.

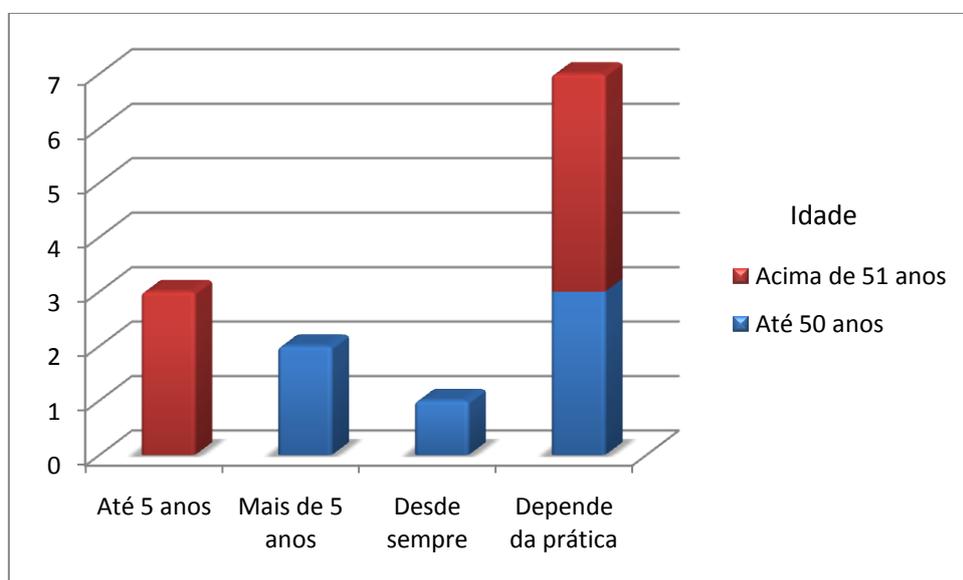


Figura 14. Relação entre idade do participante e tempo de execução de práticas religiosas (em anos)

Quanto ao gênero, a Figura 15 mostra que apenas um homem (P9) relatou que apresentava práticas religiosas desde sempre, sendo que para os demais esse tempo variou principalmente dependendo da prática. No grupo das mulheres, a maioria (4) também

afirmou esse tempo variava dependendo da prática e nenhuma mulher referiu apresentar as práticas desde sempre.

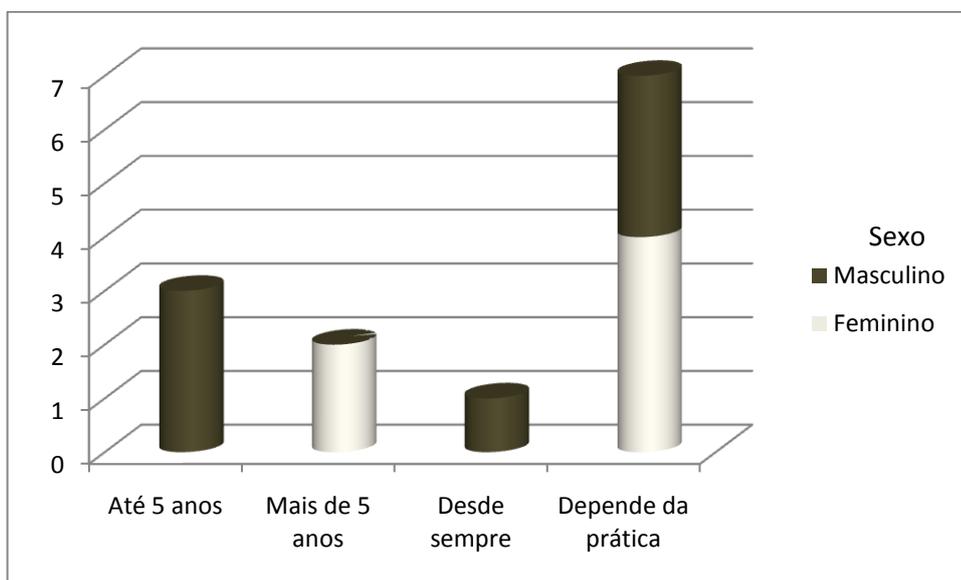


Figura 15. Relação entre gênero do participante e tempo de execução de práticas religiosas (em anos)

DISCUSSÃO

Este trabalho contou com um número pequeno de sujeitos, o que limita o alcance das suas conclusões. No entanto, foi possível observar alguns elementos interessantes a partir das respostas dos participantes.

A expectativa gerada pela literatura de encontrar uma variação nas práticas religiosas em função do gênero e da idade não pôde ser comprovada, dado o pequeno tamanho da amostra. No entanto, os dados obtidos pelo presente estudo permitem afirmar que, para os participantes desta pesquisa, a identidade, o bem estar e a satisfação estão associados com suas práticas religiosas.

A sensação de bem estar, freqüentemente relatada por participantes desta pesquisa, passou a fazer parte da medida de saúde a partir da década de 1970. A partir deste momento, muitas pesquisas foram feitas na tentativa de evidenciar a relação entre a saúde e o bem estar. Uma das maneiras encontradas com freqüência para melhorar a sensação de bem estar é o coping (conjunto de estratégias cognitivas e comportamentais, utilizados pelos indivíduos com o objetivo de manejo de situações estressantes (PANZINI e BANDEIRA, 2007).

Uma forma específica de coping para lidar com o estresse e os problemas da vida é o coping religioso/ espiritual (CRE), que é definido como a busca de significado e uma tentativa de controle das situações da vida, uma busca de bem estar físico, psicológico e emocional e uma busca de crescimento e conhecimento espiritual (da transcendência de sua vida) (PANZINI e BANDEIRA, 2007).

Segundo Panzini et al. (2007), o CRE é capaz de produzir alívio para as agruras da vida e diminuir os níveis de depressão, além de proporcionar maior bem estar e esperança.

Ferris (*apud* PANZINI et al, 2007, p. 107-108), buscando a relação entre religião e qualidade de vida, verificou que a variável “felicidade” foi relatada por pessoas com um maior comparecimento à serviços religiosos. E, além disto, que a organização religiosa é importante para a integração da comunidade e conseqüente aumento da qualidade de vida.

Koenig et al. (*apud* PANZINI e BANDEIRA, 2007, p 127) examinaram 850 pesquisas e perceberam que o envolvimento religioso está ligado com maiores níveis de satisfação com a vida, bem estar, senso de significado para a vida, esperança, otimismo e menores índices de ansiedade, depressão e abuso de substâncias.

As pesquisas de *coping*, especialmente CRE nos ajudam a compreender as respostas obtidas na presente pesquisa, em que sensações positivas e de crescimento foram freqüentemente relatadas pelos participantes como associadas às práticas religiosas.

Isso fica ainda mais evidente quando observamos as respostas de maior envolvimento religioso em momentos de rituais de passagem. Muitos participantes afirmaram que seu envolvimento com a comunidade religiosa mudou quando algum parente havia falecido, ou na cerimônia de Bar/ Bat Mitzvá (própria ou dos filhos). Ambos os momentos geralmente são associados a grandes níveis de ansiedade e estresse. Com o falecimento de parentes, principalmente pais ou cônjuges, o indivíduo fica privado de reforçadores e o envolvimento com a religião nesse momento (uso de CRE) permite que entre em contato com outras fontes de reforçamento (reforçadores sociais), além disso, os rituais específicos auxiliam nesse período de transição (PANZINI e BANDEIRA, 2007). Na época do Bar/ Bat Mitzvá, além de ser um ritual que inclui o indivíduo como participante ativo do povo judeu, este ritual é uma marca do início da adolescência. Segundo Skinner (1998), “o adolescente de hoje é afetado por técnicas conflitivas que mostram uma transição de um procedimento cultural para outro” (p. 458), e, assim como no processo de perda de um parente, a religião também pode contribuir para facilitar a transição através dos rituais específicos.

Scliar (1994) ajuda a compreender as razões para que a identidade tenha sido referida mais de uma vez pelos participantes. Segundo o autor, o código de ética mosaica surgiu da necessidade de coesão grupal. Os judeus sempre estiveram ligados entre si como um grupo coeso. Ser judeu é mais do que praticar a religião judaica, é fazer parte deste grupo. Os participantes da presente pesquisa referiram o fortalecimento do grupo como um dos eventos que acompanharam o início de uma prática religiosa ou mudança de comunidade religiosa.

Foi interessante notar na fala de uma participante da presente pesquisa que o conceito de judeu nem sempre estava ligado a alguma prática religiosa, quando afirmou, por exemplo, que seus pais eram judeus ateus. A esse respeito, Scheindlin (2003) enfatiza que, atualmente, no século XXI, poucos judeus são definidos por sua crença ou prática religiosa, mas que os membros desse povo compartilham uma história.

O fato de muitos dos participantes terem afirmado não só terem amigos judeus, mas também buscarem amizades e relacionamentos afetivos com judeus pode ser entendido quando observamos a história do povo judeu, na qual a vivência em comunidade sempre foi importante e em um dado período histórico isso era não só a única opção como uma obrigação (principalmente na Europa). Com a integração atual na sociedade ocidental, para

que a vivência em comunidade ocorra é necessário que haja uma iniciativa do indivíduo, o que o Presidente do Estado de Israel Shimon Peres (2009) traduziu dizendo que o que define um judeu hoje é a preocupação de sua descendência ser judia, e não simplesmente ser filho de pais judeus.

Não é surpreendente que alguns participantes tenham se referido à manutenção do “lar judaico” como elemento motivador para início ou manutenção das práticas religiosas, sendo ainda mais evidente quando nascem os filhos e netos, uma vez que para a religião judaica, o lar sempre foi um lugar santificado, uma miniatura de santuário (HANDELMAN e SCHEIN, 2004), e a inclusão dos judeus na sociedade ocidental reforçou ainda mais o seu papel, por ser lá, um local de livre expressão da religião e da história do povo, muitas vezes através de objetos decorativos, literatura e arte judaica (GORDIS, 1990).

A educação sempre foi um princípio básico para o povo judeu, porém, a preocupação com a educação dos filhos no judaísmo se apresenta na modernidade como algo que não é inteiramente parte das práticas cotidianas da sociedade (WAXMAN, 1958). Os participantes se referiram à educação judaica como sendo o ensino da história e crenças do povo judeu. Atualmente existem escolas e movimentos juvenis judaicos que vêm atender a essas demandas. E, novamente, é importante que haja um movimento dos indivíduos em busca disto. A sociedade em que os judeus se inserem hoje não promove esse tipo educação naturalmente e só se consegue o “lar judaico” se os indivíduos têm um interesse em mantê-lo, pois, atualmente o judaísmo não é uma imposição, ou a única opção. Judeus, hoje, são judeus, porque decidem sê-lo ativamente.

O fortalecimento do grupo está intrinsecamente ligado a isto, uma vez que o povo judeu sempre se definiu em função do grupo e a proximidade de crenças, histórias e/ ou práticas religiosas permitem uma maior liberdade de expressar suas próprias crenças. Ao participar de um grupo, cada pessoa tem a oportunidade de reforçar as práticas dos outros membros do grupo e ter as próprias crenças e práticas reforçadas socialmente (SKINNER, 1998).

A pequena amostra, utilizada neste trabalho, não permitiu determinar se a idade dos participantes era uma variável relevante para as práticas religiosas. No entanto, observou-se que os participantes mais jovens do presente estudo foram os que apresentavam as práticas religiosas havia mais tempo. Isso é consistente com uma pesquisa realizada pela Federação Israelita do Estado de São Paulo (2000) que verificou um fortalecimento das práticas tradicionais nos grupos de faixa etária mais jovem.

Esses dados levantam novas questões que podem levar a pesquisas futuras. Quais são as mudanças nas vidas dos indivíduos que poderiam contribuir para que após os 50 anos iniciassem práticas religiosas? Seria interessante também estudar participantes pertencentes a várias faixas etárias para verificar se há uma associação real entre idade e início de práticas religiosas. Talvez uma pesquisa que comparasse diversos movimentos dentro do judaísmo, ou ainda diferentes religiões poderia ver se essa possível relação ocorre em outros âmbitos religiosos.

REFERÊNCIAS

- ÁVILA, Antonio (2003). *Para conhecer a psicologia da religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BEIT-HALLAHMI, Benjamim/ ARGYLE, Michael (1997). *The psychology of religious behavior, belief and experience*. Londres/ Nova York: Routledge, 2004
- DALY, M. E WILSON, M. *Sex, evolution and behavior*. 2 Ed. Toronto: PWS Publishers, 1983.
- DE VAUS, D. e MCALLISTER, I. Gender differences in religion: A test of the structural location theory. *American Sociological Review*. Washington, v. 52, p. 472-48. 1987
- DULCETTI, Pérola Goretti Sichero. O sagrado na adolescência: um estudo da relação entre a religiosidade ocidental contemporânea e o processo de desenvolvimento da identidade. São Paulo, 2007. 111 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - PUC/SP
- EPELBOIM, Solange. Identidade judaica: considerações psicológicas acerca da dimensão religiosa. *Estudos de Psicologia*. Campinas, v. 23, n. 1, p. 47-54, janeiro/março. 2006.
- ERIKSON, Erik H. (1968). *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- FEDERAÇÃO ISRAELITA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Manuscrito não publicado, 2000
- FOWLER, J. W. *Stages of Faith*. São Francisco, Califórnia: Harper & Row, 1981.
- GAZ, Abílio José. Judaísmo. In: ASSUNCAO, Paulo de/ FERNANDES, Dirce Lorimier. (org) *Religiões e religiosidades: leituras e abordagens*. São Paulo: Arké, 2007, p. 25-34.
- GILLMAN, Neil (1990). *Fragmentos Sagrados: recuperando a teologia para o judeu moderno*. São Paulo: Comunidade Shalom, 2007.
- GORDIS, Robert (1988). *Emet Ve-Emunah: Statement of Principles of Conservative Judaism*. 2 Ed. Nova York: United Synagogue Book Service, 1990
- GOTTFRIED, Adrián. A - Denominações religiosas judaicas modernas, B- Judaísmo conservador (ou conservativo) ou Massorti, C- Movimento Conservador Latino-Americano, D- Comunidade Shalom. [s.n.t.]. Disponível em: <<http://www.shalom.org.br/quemsomos/masorti/movimento-conservador101.pdf>>. Acesso em 12 abr. 2009.
- HANDELMAN, Maxine Segal; SCHEIN, Deborah L. *What's Jewish about Butterflies: 36 Dynamic, Engaging Lessons for the Early Childhood Classroom*. Springfield New Jersey: A.R.E. Publishing, 2004.
- IDLER, Ellen L. Religious Involvement and Health of the Elderly: Some Hypotheses and an Initial Test. *Social Forces*. Chapel Hill, v. 66, n. 1, p. 226-238. 1987
- INGLEHART, R. *Culture Shift in Advanced Industrial Society*. Princeton/ NY: Princeton University Press, 1990.
- LOEHLIN, J. C., NICHOLS, R. C. *Heredity, Environment and Personality*. Austin: University of Texas Press, 1977.

KUNIN, Seth D. Judaísmo. In: WOODHEAD, Linda et al. (ed) *Religions in the modern world: traditions and transformations*. Londres/ Nova York: Routledge, 2002.

NORTHOVER, W. E. Variations in Beliefs Among Roman Catholics. In: BEATTIE, C., CRYSDALE, S. (ed.). *Sociology Canada: Readings*. Toronto: Butterworth, 1974.

OZORAK, E. W. Social and cognitive influences on the development of religious belief and commitment in adolescence. *Journal for Scientific Study of Religion*. [s.l.], v. 28, p. 448-463. 1989.

PANZINI, Raquel Gehrke; BANDEIRA, Denise Ruschel. Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. *Revista de Psiquiatria Clínica*. São Paulo, v. 34, n. 1, p. 126-135. 2007

PANZINI, Raquel Gehrke et al. Qualidade de vida e espiritualidade. *Revista de Psiquiatria Clínica*. São Paulo, v. 34, n. 1, p. 105-115. 2007

PERES, Shimon. Discurso proferido no Ato Central e Público no Clube A Hebraica em São Paulo em 12 de Novembro de 2009.

RODRIGUES, Tyffanne Serra Paraná/ DITTRICH, Alexandre. Um Diálogo entre um Cristão Ortodoxo e um Behaviorista Radical. *Psicologia Ciência e Profissão*. Brasília, v. 27, n. 3, p. 522 – 537. 2007.

SCHEINDLIN, Raymond P. *História Ilustrada do Povo Judeu*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

SCLIAR, Moacyr. *Judaísmo: Dispersão e unidade*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1994.

SKINNER, B.F. (1953). *Ciência e Comportamento Humano*. 10. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TOPEL, Marta Francisca. O lugar da nova ortodoxia judaica paulistana no cenário do campo religioso brasileiro: algumas observações. *Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n. 1, p. 110-117, 2003.

TRUETT et al. Religion and education as mediators of attitudes: A multivariate analysis. *Behavior Genetics*, [s.l.], v. 22, n. 1, p. 43-62, 1992.

VAN ACKER, Maria Teresa Vianna. *O Renascimento e humanismo: o homem e o mundo europeu do século XIV ao século XVI*. São Paulo: Atual, 1992.

WAXMAN, Mordecai (1958). *Tradition and Change: The Development of Conservative Judaism*. Nova York: United Synagogue Book Service, 1994

ANEXO A: QUESTIONÁRIO

1. Idade:
2. Sexo:
3. Nível de instrução:
4. Profissão:
5. Estado civil:
 - a) Se casado, qual a religião do cônjuge?
6. Religião dos pais:
7. Estudou em escola judaica: Sim/ Não
 - a) Se sim:
 - i. Por quanto tempo?
 - ii. Em sua opinião, qual foi a influência da escola para a identidade e/ou prática religiosa?
8. Frequentou movimentos juvenis? Sim/ Não
 - a) Se sim, tinha caráter religioso? Sim/ Não
 - i. Se sim, qual?
9. Frequenta alguma atividade social voltada ao público judaico? Sim/ Não
 - a) Se sim:
 - i. Qual?
 - ii. Há alguma orientação religiosa? Qual?
 - iii. Que tipos de atividades são propostas?
 - iv. Quais as razões pelas quais acredita que frequenta este marco?
 - b) Se não:
 - i. Por quê?
10. Tem rede social judaica? Sim/ Não
 - a) Se sim:
 - i. Qual?
 - ii. De onde?
 - iii. Quanto tempo passa com eles?
 - iv. Eles têm alguma prática religiosa? Qual?
 - v. Procura ter amigos judeus? Sim/ Não
 1. Se sim:
 - a. Por quê? Qual a importância dada a isso?
 - vi. Procura/ou relacionamentos afetivos com pessoas judias? Sim/ Não
 1. Se sim:
 - a. Por quê? Qual a importância dada a isso?
11. Frequência de participação na comunidade judaica atualmente:
 - a) Sempre frequentou alguma comunidade judaica? Sim/ Não
 - i. Se sim:
 1. Desde quando?
 2. Com que frequência? A frequência variou ao longo do tempo? Como? Por quê?
 3. Sempre a mesma comunidade? Sim/ Não
 - a. Se sim:
 - i. O que faz com que fique?
 - b. Se não:
 - i. O que fez com que mudasse?

12. Recebeu influencia de alguma outra religião? Sim/ Não
- a) Se sim:
 - i. De quem?
 - ii. Qual religião?
 - iii. Como isso influenciou sua identidade/ prática religiosa atual?
13. Tem práticas religiosas em casa? Sim/ Não
- a) Se sim:
 - i. Quais?
 - ii. Desde quando?
 1. Se começaram em um momento determinado: ver 18
 - iii. De quem era a iniciativa na infância? E agora?
 - iv. Quem manteve as práticas quando saiu de casa?
 - v. Qual a freqüência dessas práticas?
 1. A freqüência mudou ao longo de sua vida? Sim/ Não
 - a. Se sim: ver 18
 - vi. Elas eram respeitadas somente em casa ou também fora?
 - vii. Há alguém da família que não pratica, ou seja, contra a prática familiar? Quem?
 - b) Se não:
 - i. Nunca teve ou deixou de ter?
 1. Se deixou de ter: ver 18
 - c) Fez Bar/ Bat Mitzvá (ritual de passagem para a vida adulta)? Sim/ Não
 - i. Se sim:
 1. Por iniciativa de quem?
 2. Como foi o processo?
 3. Mudaram de alguma forma as práticas religiosas pessoais?
Sim/ Não
 - a. Se sim:
 - i. O que?
 - ii. De que forma?
 - ii. Se não:
 1. Por quê?
14. Como avalia as práticas religiosas? - rezar, meditar, alimentação, restrições, luto,
15. Acredita que a vida religiosa possa estar relacionada com:
- a) Saúde;
 - b) Felicidade;
 - c) Relações entre gêneros;
 - d) Outros
16. Que sensações são experimentadas pelas práticas religiosas?
17. Que tipo de benefícios acredita que podem ser/ terem sido provocados pelas práticas religiosas?
18. Se ocorreram mudanças no comportamento religioso ao longo da vida:
- a) Quem/o que originou a mudança?
 - b) Consegue identificar o momento/ situação/ condição nas quais ocorreram as mudanças?
 - c) A que atribui a mudança?
 - d) Notou alguma mudança da dinâmica familiar após a mudança?
 - e) Notou alguma mudança da dinâmica da rede social após a mudança?

- f) Passou a freqüentar ou deixou de freqüentar alguma instituição judaica no momento da mudança?
19. Sente que a religião lhe traz satisfação?
- a. Se sim, em que aspecto?

ANEXO B: CATEGORIAS DE ANÁLISE

1. Idade:
 - a. Até 50 anos
 - b. Acima de 51 anos
2. Sexo:
 - a. Feminino
 - b. Masculino
3. Nível de instrução:
 - a. Superior incompleto
 - b. Superior completo
4. Profissão:
 - a. Ciências humanas (administração, educação, empresarial, publicidade, direito e liderança religiosa)
 - b. Ciências exatas (engenharia, arquitetura e ciências contábeis)
 - c. Saúde (fonoaudiologia, psicologia e ortodontia)
5. Estado civil:
 - a. Casado
 - b. Solteiro
 - c. Divorciado
 - d. Viúvo
6. Qual a religião do cônjuge?
 - a. Judaica
 - b. Cristã
 - c. Espírita
 - d. Nenhuma
7. Religião dos pais:
 - a. Judaica
 - b. Espírita
 - c. Nenhuma
8. Estudou em escola judaica:
 - a. Sim
 - b. Não
9. Por quanto tempo?
 - a. 1 ano
 - b. Até 5 anos
 - c. Até 10 anos
 - d. Mais de 10 anos
10. Em sua opinião, qual foi a influência da escola para a identidade e/ou prática religiosa?
 - a. Formação da identidade
 - b. Ensino das tradições
 - c. Nenhuma influência
 - d. Estudo formal da religião
 - e. Aprender as rezas
 - f. Confirmar o que aprendia em casa
11. Frequentou movimentos juvenis?

- a. Sim
 - b. Não
12. Tinha caráter religioso?
- a. Sim
 - b. Não
13. Qual?
- a. Ortodoxo
 - b. Massortí
 - c. Não definido
14. Tem rede social judaica?
- a. Sim
 - b. Não
15. Rede social é da Comunidade Shalom?
- a. Sim
 - b. Não
16. Rede social é do clube?
- a. Sim
 - b. Não
17. Rede social é do trabalho?
- a. Sim
 - b. Não
18. Rede social é da escola ou faculdade
- a. Sim
 - b. Não
19. Rede social é do movimento juvenil?
- a. Sim
 - b. Não
20. Rede social é da infância, da cidade natal ou da família?
- a. Sim
 - b. Não
21. Rede social é de outras instituições?
- a. Sim
 - b. Não
22. Rede social é formada por amigos de amigos?
- a. Sim
 - b. Não
23. Quando se encontra com eles?
- a. Todos os dias
 - b. Mais de uma vez por semana
 - c. Uma vez por semana
24. Eles têm alguma prática religiosa?
- a. Sim
 - b. Não
25. Prática é de Shabat (jantar/ velas/ observância do mandamento de Shabat)?
- a. Sim
 - b. Não
26. Prática é de cashrut
- a. Sim

- b. Não
- 27. Pratica é de rezar
 - a. Sim
 - b. Não
- 28. Pratica é das festas (fazer cerimônias, se comportar de acordo com a variação do ano?)
 - a. Sim
 - b. Não
- 29. Pratica é de acender velas
 - a. Sim
 - b. Não
- 30. Pratica é de colocar talit e tefilin
 - a. Sim
 - b. Não
- 31. Pratica é de freqüentar a sinagoga?
 - a. Sim
 - b. Não
- 32. Pratica é estudar/ discutir?
 - a. Sim
 - b. Não
- 33. Pratica é de meditar/ cantar nigunim?
 - a. Sim
 - b. Não
- 34. Pratica é de mikvá?
 - a. Sim
 - b. Não
- 35. Pratica é de realizar Bar/Bat Mitzvá dos filhos?
 - a. Sim
 - b. Não
- 36. Procura ter amigos judeus?
 - a. Sim
 - b. Não
- 37. Importância é a afinidade de assuntos/ pensamentos/ valores e por ser uma pessoa mais próxima?
 - a. Sim
 - b. Não
- 38. Importância é pelas famílias se conhecerem?
 - a. Sim
 - b. Não
- 39. Importância é para manter a identidade com mais entendimento?
 - a. Sim
 - b. Não
- 40. Importância é porque os amigos têm conhecimento do que se é e do que se faz, não necessitando explicações?
 - a. Sim
 - b. Não
- 41. Procura/ou relacionamentos afetivos com pessoas judias?
 - a. Sim

- b. Não
42. Qual a importância dada a isso?
- a. Ter um lar judaico para continuar a educação e criar os filhos
 - b. Evitar conflitos
 - c. Continuidade de história familiar/ criação dos filhos/ continuidade da educação
 - d. Famílias conhecidas
 - e. Facilitam a manutenção das práticas/ do lar judaico
 - f. Pessoa mais próxima/ maior identificação
 - g. Mais de uma opção
43. Frequência de participação na comunidade judaica atualmente:
- a. Diária
 - b. Uma vez por semana
 - c. Mais de uma vez por semana
44. Sempre frequentou alguma comunidade judaica?
- a. Sim
 - b. Não
45. Desde quando?
- a. Sempre
 - b. Há 1 ano
 - c. Entre 1 e 3 anos
 - d. Entre 3 e 5 anos
 - e. Mais de 5 anos
46. A frequência variou ao longo do tempo?
- a. Sim
 - b. Não
47. Como?
- a. Afastou-se e depois voltou
 - b. Aproximou-se
 - c. Oscilou
48. A frequência variou por que estava se procurando/ procurando outras coisas?
- a. Sim
 - b. Não
49. A frequência variou por causa de falecimentos de parentes ou separações?
- a. Sim
 - b. Não
50. A frequência variou para acompanhar parentes?
- a. Sim
 - b. Não
51. A frequência variou por que variou a disponibilidade de tempo ou os diferentes compromissos?
- a. Sim
 - b. Não
52. A frequência variou para encontrar conforto (entre familiares e amigos)?
- a. Sim
 - b. Não
53. A frequência variou por causa de Bar/Bat Mitzvá (próprio ou de parente)?
- a. Sim

- b. Não
- 54. Sempre a mesma comunidade?
 - a. Sim
 - b. Não
- 55. Mudou de comunidade por que cresceu ou se desenvolveu?
 - a. Sim
 - b. Não
- 56. Mudou de comunidade por que se sociabilizou?
 - a. Sim
 - b. Não
- 57. Mudou de comunidade por que se sentiu acolhido?
 - a. Sim
 - b. Não
- 58. Mudou de comunidade por causa da liberdade?
 - a. Sim
 - b. Não
- 59. Mudou de comunidade por falecimento de parente?
 - a. Sim
 - b. Não
- 60. Mudou de comunidade por que mudou o rabino/ o rabino mudou de sinagoga?
 - a. Sim
 - b. Não
- 61. Mudou de comunidade por causa da distância da moradia?
 - a. Sim
 - b. Não
- 62. Mudou de comunidade pelo gosto?
 - a. Sim
 - b. Não
- 63. Mudou de comunidade por que teve problemas na comunidade (institucionais/ pessoais)?
 - a. Sim
 - b. Não
- 64. Mudou de comunidade por que se identificou mais?
 - a. Sim
 - b. Não
- 65. Mudou de comunidade para acompanhar parente?
 - a. Sim
 - b. Não
- 66. Recebeu influencia de alguma outra religião?
 - a. Sim
 - b. Não
- 67. De quem?
 - a. Família
 - b. Escola
 - c. Instituições
- 68. Qual religião?
 - a. Cristã
 - b. Espírita

- c. Budista
 - d. Muçulmana
 - e. Messianismo Japonês
 - f. Mais de uma
69. Como isso influenciou sua identidade/ prática religiosa atual?
- a. Aprender a ter bons princípios/ ética
 - b. Reforçou a identidade judaica
 - c. Desenvolveu a espiritualidade/ entender seu papel na vida/ entender a relação com Deus
 - d. Mais de uma
70. Tem práticas religiosas em casa?
- a. Sim
 - b. Não
71. Prática é ter mezuzá?
- a. Sim
 - b. Não
72. Prática é celebrar as festas?
- a. Sim
 - b. Não
73. Prática é respeitar Shabat?
- a. Sim
 - b. Não
74. Prática é ter objetos decorativos em casa?
- a. Sim
 - b. Não
75. Prática é estudar?
- a. Sim
 - b. Não
76. Prática é rezar?
- a. Sim
 - b. Não
77. Prática é acender velas?
- a. Sim
 - b. Não
78. Prática é colocar tefilin
- a. Sim
 - b. Não
79. Prática é uma maneira de ser diferenciada/ ética/ tzedaká (justiça social)?
- a. Sim
 - b. Não
80. Prática é ir à mikvá?
- a. Sim
 - b. Não
81. Prática é freqüentar a sinagoga?
- a. Sim
 - b. Não
82. Prática é ser casher?
- a. Sim

- b. Não
83. Desde quando?
- a. Há 1 ano
 - b. Entre 1 e 3 anos
 - c. Entre 3 e 5 anos
 - d. Mais de 5 anos
 - e. Desde sempre
 - f. Depende da prática
84. De quem era a iniciativa na infância?
- a. Pais
 - b. Avós
 - c. Própria
 - d. Pais e avós
 - e. Pais e própria
85. De quem é a iniciativa agora?
- a. Própria
 - b. Filhos
 - c. Netos
 - d. Cônjuges/ companheiros
 - e. Amigos
 - f. Outros
 - g. Toda família
 - h. Própria e do companheiro
86. A frequência mudou ao longo de sua vida?
- a. Sim
 - b. Não
87. Há alguém da família que não pratica?
- a. Não, todos praticam
 - b. Cônjuge
 - c. Filhos
 - d. Netos
 - e. Outros (primos, tios, irmãos)
 - f. Ninguém pratica
 - g. Pais
 - h. Avós
 - i. Pais e Avós
 - j. Pais e Cônjuge
 - k. Cônjuge e filhos
 - l. Pais e irmãos
88. Há alguém que seja contra?
- a. Não, ninguém é contra
 - b. Cônjuge
 - c. Filhos
 - d. Outros (primos, tios, irmãos)
 - e. Pais
89. Nunca teve ou deixou de ter praticas?
- a. Nunca teve
 - b. Deixou de ter

90. Fez Bar/ Bat Mitzvá (ritual de passagem para a vida adulta)?
- Sim
 - Não
91. Por iniciativa de quem?
- Pais
 - Avós
 - Continuação natural dos estudos/ era o esperado no momento
 - Família como um todo
 - Própria
 - Pais e Avós
92. Mudaram de alguma forma as práticas religiosas pessoais?
- Sim
 - Não
93. O que?
- Freqüência à sinagoga
 - Tefilin diário e assumir responsabilidades
 - Fortalecimento de identidade/ aproximou o judaísmo/ sentir-se parte de algo especial
94. Por que não fez Bar/ Bat?
- Não era costume para meninas
 - Pais eram ateus
95. Como avalia as práticas religiosas? - rezar, meditar, alimentação, restrições, luto,
- Tem lógica/ faz sentido/ é importante
 - É natural/ é o certo
 - É aprendizado/ Desafio para melhorar
 - Aprimoramento do caráter/ aprender a se colocar no lugar do outro/ Experiência da diversidade
 - Suporte
 - Conceito de vida
 - Conexão com o divino/ com a transcendência
 - Algo que não pode ser forçado
 - União do povo/ coletivo
 - Conforto/ prazer
 - Parte do desenvolvimento espiritual/ Tirar a vida do mundano
 - Realista
 - Mais de uma alternativa
96. Acredita que a vida religiosa possa estar relacionada com:
- Saúde;
 - Felicidade;
 - Relações entre pessoas;
 - Bem Estar/ equilíbrio
 - Limpeza/ higiene
 - Ver as coisas de outro ângulo
 - Sobre toda a vida
 - Coerência
 - Qualidade de vida
 - Reconhecimento das coisas da vida
 - Disciplina

- l. Definição das prioridades da vida
 - m. Mais de uma alternativa
97. Que sensações são experimentadas pelas práticas religiosas?
- a. Positivas/ alegria/ prazer
 - b. Revitalização/ Mais energia/ fluidez de energia
 - c. Bem estar individual
 - d. Paz interior/ calma
 - e. Ligação com algo maior/ transcendência/ perpetuação
 - f. Fazer parte de um grupo/ sentir apoio
 - g. Variadas, dependem do momento de vida
 - h. Busca de desafios
 - i. Poder ver mudanças
 - j. Mais de uma alternativa
98. Que tipo de benefícios acredita que podem ser/ terem sido provocados pelas práticas religiosas?
- a. Crescimento emocional/ Benefício espiritual
 - b. Bem estar psicológico/ entender quem é
 - c. Benefícios culturais/ éticos/ entender o papel do homem no mundo
 - d. Auto-policiamento
 - e. Se tornar pessoa melhor/ fazer coisas boas
 - f. Fortalecimento/ apoio de amigos/ Fazer parte de um grupo
 - g. Congregar a família
 - h. Felicidade
 - i. Visão diferenciada do mundo
 - j. Confiança em Deus
 - k. Mais de uma alternativa
99. Quem/o que originou a mudança?
- a. O próprio
 - b. Filhos
 - c. Cônjuges
 - d. Amigos
 - e. Pais
 - f. O casal
 - g. Cônjuge e pais
 - h. O próprio com os pais
100. Consegue identificar o momento/ situação/ condição nas quais ocorreram as mudanças?
- a. Processo contínuo
 - b. Não sabe definir
 - c. Falecimento do cônjuge
 - d. Assumir cargo na comunidade
 - e. Relacionamento com amigos
 - f. Mudança de moradia
 - g. Propostas de outros
 - h. Perde de emprego
 - i. Casamento
 - j. Nascimento de filhos/ netos
 - k. Frequência à comunidade

- l. Ter casa própria e mudar para uma comunidade mais observante
 - m. Mais de uma alternativa
101. A que atribui a mudança?
- a. Identificação/ encontrar raízes
 - b. “Click” / fazer sentido/ “Por que não?”
 - c. Ter mais tempo
 - d. Coerência
 - e. Sensação de ter ajuda
 - f. Preencher vazio
 - g. Educação do filho no judaísmo
 - h. Busca de concretude/ de compreensão
 - i. Aprendizado gradual
 - j. Experimentação natural para inserção no grupo num contexto profissional
 - k. Mais de uma alternativa
102. Notou alguma mudança da dinâmica familiar após a mudança?
- a. Não
 - b. Bar Mitzvá na família
 - c. Discussão/ conflitos/ negociações
 - d. Atenção especial em alguns aspectos
103. Notou alguma mudança da dinâmica da rede social após a mudança?
- a. Não
 - b. Virou grande família
 - c. Mais cuidado dos outros
 - d. Afastamento/ limitações
 - e. Rede social cresceu
 - f. Mais dificuldades em alguns aspectos
104. Sente que a religião lhe traz satisfação?
- a. Sim
 - b. Não
105. Em que aspecto?
- a. Pessoal/ consigo mesmo/ bem estar espiritual
 - b. Interior/ plenitude
 - c. Convívio com outros/ estar no grupo/ ver o crescimento de outros
 - d. Aprendizado
 - e. Calma
 - f. Conexão com coisas boas e ruins/ valores/ reconhecimento das coisas
 - g. Transcendência
 - h. Conforto para religiosidade
 - i. Sensação de estar fazendo o que veio fazer no mundo/ fazer o bem ao próximo
 - j. Mais de uma alternativa